

MARIA



Arte de ser pai

Cultura da morte, não!

Família: angústia e esperança



VIDAS RECICLADAS

Ave, Maria!

*“Bendita sois vós entre as mulheres,
e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.”*



Depois da saudação do anjo, tornamos nossa a palavra de Isabel: “Repleta do Espírito Santo” (Lc 1,41),

Isabel é a primeira na longa série das gerações que declaram Maria bem-aventurada: “Feliz aquela que creu...” (Lc 1,45): Maria é “bendita entre as mulheres” porque acreditou na realização da palavra do Senhor.

Abraão, por sua fé, tonou-se uma bênção para “todas as nações da terra” (Gn 12,3).

Por sua fé, Maria se tornou a mãe dos que crêem, porque, graças a ela, todas as nações da terra recebem *Aquele que é a própria bênção de Deus: “Bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus”.*



Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregianin

Administração: Nestor A. Zatt

Equipe de redação: Avelino S. de Godoy;

Eduardo Russo; Adelino Dias Coelho.

Diagramação: Antônio Portero Simon;

Avelino S. de Godoy.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 4º e 5º andares.

Tel: (011) 3666-2128 e 3823-1060 - Caixa Postal

1.205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria.

Estrada Comendador Orlando Grande, 86 Embu, SP

Bairro do Gramado, CEP 06835-300.

A assinatura pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque

pagável em São Paulo, Vale Postal ou Valor Declarado

em nome da **Revista Ave Maria** — A maioria das

idades é visitada por nossos representantes, que

renovam as anuidades em domicílio; nas demais, as

renovações de assinaturas são feitas pelo correio.

Assinatura anual: R\$ 25,00.

Ligue grátis: 0800-555-021

Fax: 3826.7016

Ave Maria na internet:

www.avemariainternet.com.br

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br

redacao@avemariainternet.com.br

assinaturas@avemariainternet.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às senhoras e aos senhores assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, peçam a credencial fornecida pela *Revista Ave Maria* a todos os seus representantes legais.

COBRADORES e PROMOTORES AUTORIZADOS:

Alice Ferreira Reis, SP; Sérgio Pierozan, SP e GO;

Benedito Carlos Câmara, SP; Jesus Macedo, SP; Mauro

Donizeti Câmara, SP; Dideró Ribeiro, Marília, SP;

Benedito Vaz Neto, MG; Edson Nunes de Moraes, MG;

Gilmar Diniz Silva, MG; Pe. Pedro Jordá, Palmira Farias,

Cordeiroópolis, SP; Luzia Brancatti Stephaneli, Piracicaba,

SP; Andréia Maria Ferreira Reis, Rio Claro, SP.

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

Lembre-se de que é importante V.Sa. manter sua anuidade em dia. Se V. Sa. tiver dúvida quanto à data do vencimento, ligue a cobrar para a *Revista Ave Maria* (90 ___ 11) 3666-2128 ou 0800-555-021

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários teológico-bíblicos diários sobre as leituras bíblicas das missas na internet:

www.claretianos.com.br

www.avemariainternet.com.br



Amar para ser pai

Faz frio. O tempo está nublado e o vento incomoda. O pai, jovem ainda, acelera o passo, isso faz com que o garotinho que o segue precise correr. À porta da creche, ele levanta o filho e, com caloroso abraço, arruma-lhe o cabelo; com as costas da mão limpa a gotinha na ponta do nariz vermelho e dá-lhe um beijo demorado. Coloca-o no chão, ajeita o gorro, junta as mãozinhas geladas dele rente ao seu rosto; um olhar cheio de ternura, um sorriso e diz: "Tchau, campeão!..." Tudo muito rápido, ele precisa trabalhar. Essa é a rotina de José J. S.

Desde que assumiu sozinho o filho de quatro anos, todos os dias ele o leva à creche. À tardinha, volta para buscá-lo, prepara o jantar para os dois, dá-lhe banho, reza com ele e... esse é o dia do pai. Dia-a-dia de uma paternidade nada fácil, mas responsável. Mesclada de momentos, encantadores e angustiantes; da riqueza de ser pai e da pobreza de estar só na tarefa de criar e educar o filho.

Neste mês, comemora-se o "Dia dos Pais" também alardeado pela propaganda: "consuma o mais que puder e você será feliz com seus filhos".

A pobreza imposta pelo baixo salário, ou a ausência dele freqüentemente é vista como um reduto de infelicidade, pois ela não permite consumir coisas. Porém, mesmo na pobreza material, existe uma grande riqueza de sentimentos que não podem ser esquecidos, ao se sonhar com a felicidade, a união, a comunhão, a partilha do que se é. Assim mesmo como faz o Sr. José com seu pequeno campeão.

Neste número, a revista *Ave Maria* traz na "Palavra do Papa" (p.6) séria reflexão sobre o respeito à vida: "Cultura da morte, não!". No artigo "Mestres espirituais" (p.9) de Frei Betto, vamos aprender que a felicidade se situa no íntimo de nós mesmos, nas experiências de amor. E isso é apreço e vivido por todos os mestres espirituais.

Em "Família: angústia e esperança" (p.10), João B. Libânio questiona os pais: será que eles conhecem os filhos, dialogam suficientemente com eles, amam-nos e são por eles amados? Sem o espírito do amor que dá sentido à vida de família, dificilmente um lar se sustenta de forma equilibrada.

Uma comunidade de fé só será cristã se abrir o coração com amor, como um pai, para o conhecimento e acolhimento dos que sofrem. Na reportagem feita por Adelino Dias Coelho e Avelino S. de Godoy "Vidas recicladas" (p.14) o Pe. José Carlos Spinola dá uma entrevista descrevendo como se desenvolveu o projeto "Reciclázaro" e o resultado tão positivo em favor da vida.

Na série de artigos sobre a História da Igreja — nesta edição "América Latina e Pluralismo religioso" (p.20) de José Maria Vigil — estamos vendo que as religiões, de uma forma ou de outra, vêem no Criador um pai. Visão esta nem sempre bem compreendida, porque não é bem estudada. A precipitação nos julgamentos sobre as religiões pode levar a verdadeiras catástrofes e a genocídios em nome do Criador.

Tanto no aspecto individual, quanto no coletivo (eclesial), ser pai é ser doador de vida, com amor, com um coração semelhante ao pai misericordioso do filho pródigo. Pai e mãe são os genitores e é a comunidade que, com cuidado, ternura e amor, aproxima-se dos filhos para acompanhá-los com segurança. Jesus usa a belíssima imagem doméstica rural para nos ensinar com quais sentimentos devemos nos colocar próximos dos pequeninos do Reino: "Assim como a galinha protege os pintainhos debaixo das asas, assim também desejo reunir e proteger os filhos de Deus" (cf. Mt 23,37).

Igreja e o social



México, 8/7. O “Semanário” da Arquidiocese de Guadalajara publicou um artigo onde afirma que “a Igreja tem muito a oferecer em temas sociais” e sua missão é “iluminar com a luz do Evangelho os assuntos temporais da sociedade”.

O artigo apresenta pontos de vista de alguns dirigentes dos partidos políticos em temas relacionados à sociedade, à vida e à família, a fim de que os católicos tenham maior informação sobre as opções políticas, às vésperas das eleições.

Destaca que uma das principais preocupações de João Paulo II é a defesa da vida e refere-se a uma de suas encíclicas na qual o Papa questiona as leis que permitem o aborto e a eutanásia, a partir de supostas regras democráticas. “Na realidade, estamos apenas diante de uma trágica aparência de legalidade, onde o ideal democrático, que é verdadeiramente tal quando reconhece e tutela a dignidade de toda pessoa humana, é traído em suas próprias bases”, expõe o artigo citando as palavras do Santo Padre.

Tráfico de mulheres

Cáritas Internacional, 9/07. A Europa tem o ingresso clandestino de mais de meio milhão de mulheres, todos os anos. Os números relativos ao tráfico de seres humanos foram apresentados no dia 8/07, durante a 17ª Assembléia Geral da Cáritas Internacional. A maioria dessas mulheres são oriundas do Leste Europeu, da África e da América Latina. Na maior parte dos casos, se ocupam de funções subalternas ou ilegais.

Conforme dados da *Christian Organisations Against Trafficking in Women (COATNET)*, os principais pólos receptadores de mulheres, que ingressam de modo clandestino, estão na Áustria, Bélgica, França, Espanha, Alemanha, Itália, Suíça e Grécia. Elas são submetidas a atividades como a prostituição e a indústria da diversão.

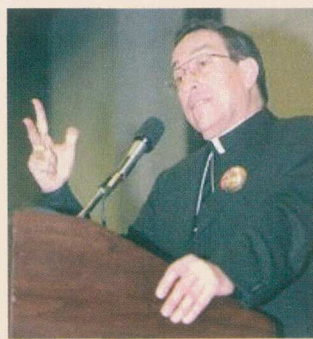
Muitas mulheres estão ocupadas em empregos ilegais ou vivem em casamentos arranjados comercialmente, através de agências matrimoniais, que se encarregam de garantir o ingresso ilegal na Europa.

Os dirigentes de COATNET denunciam que, na maioria dos casos, os agenciadores refêm os passaportes dessas mulheres, que posteriormente são forçadas a atuar na prostituição ou noutras formas de exploração e descartadas no momento em que já não produzem lucro imediato.

É importante a ação da Cáritas articulada com outras organizações civis, a fim de prevenir e evitar que outras mulheres sejam enganadas

por esses grupos de especuladores. “A partir de agora, toda a rede de Cáritas irá atuar de maneira articulada com outras organizações que realizam esse serviço em todo os continentes, para combater a ação dessas máfias”. Informações: www.caritasbrasileira.org ou caritas@caritasbrasileira.org

Globalização da pobreza



Roma, 9/7. O cardeal de Honduras, Oscar Rodríguez Maradiaga, salesiano, advertiu sobre um modelo de globalização promovido a partir de grupos de poder de países desenvolvidos que não levam em conta a justiça com os países mais frágeis. A nova ordem mundial que nos é apresentada provém da unificação de mercados para facilitar a circulação de dinheiro e mercadorias”, constatou o primeiro cardeal hondurenho da história. Segundo ele esta concepção da globalização requer que “continue havendo pobres em determinados lugares do mundo, e é necessário procurar que não se movam de lugar para que continuem produzindo miséria barata para os ricos. Não estamos caminhando para um sistema justo, ainda que o *marketing* do pensamento único assim nos apresente.

Não podemos continuar sendo cegos – acrescentou – não caminhamos simplesmente para uma globalização dos mercados, ou seja, para a concentração da riqueza, mas estamos caminhando para a globalização da pobreza”.

“A atual situação mundial nos levará a escolher entre nossa autodestruição e a recuperação de esperanças certas, que surgem ao ritmo do Evangelho”.

Para o cardeal “ser solidário exige por-se no lugar do outro, para descobrir suas necessidades e esforçar-se por satisfazê-las de acordo com as possibilidades de cada situação”.

Religiões pela paz

Viena, 09/7. Aconteceu em Graz, Áustria, a Assembléia da Conferência Mundial das Religiões pela Paz, que discutiu valores e instrumentos para construir uma convivência pacífica na Europa. O tema foi “Compartilhar valores, para uma vida comum nas cidades europeias”. O Fórum reuniu mais de 300 representantes de todas as comunidades religiosas da Europa. A vice-presidente da seção europeia da Conferência, Lisa Palmieri, revela os maiores obstáculos para uma convivência realmente pacífica e harmônica na Europa: “muitas comunidades europeias ainda têm resistências em relação ao “diverso”. Debateu-se sobre o significado desse termo e esclareceu-se o fato de que somos todos “diversos”.

Mesmo pertencendo à uma mesma comunidade religiosa, todos temos identidades di-

versas. O que esteve em discussão foi a tolerância, o respeito e o apreço pelo próximo”.

Omitir a conversão

Vaticano, 5/7. Uma teologia que não convida à conversão a Cristo ou que considera todas as religiões como iguais esvazia o cristianismo de todo seu sentido, constatou João Paulo II ao encontrar-se com um grupo de bispos da Índia.

“Testemunhar Jesus Cristo é o supremo serviço que a Igreja oferece aos povos da Ásia”, assegurou aos prelados das províncias eclesiásticas de Bangalore, Hyderabad e Visakhapatnam. Por este motivo, declarou, “toda teologia da missão que omita o chamado a uma conversão radical a Cristo e negue a transformação cultural, que essa conversão implica, falsifica necessariamente a realidade de nossa fé”. “Neste sentido — declarou o papa —, reafirmamos que o diálogo inter-religioso não substitui a missão (“missio ad gentes”) mas, melhor, faz parte dela”. “As interpretações relativistas do pluralismo religioso, que afirmam que a fé cristã não tem um valor diferente ao de qualquer outra crença, esvazia de fato o cristianismo do coração cristológico que lhe distingue”, reafirmou. “Uma fé alienada de nosso Senhor Jesus, único salvador, deixa de ser uma fé cristã e teológica”, reconheceu João Paulo II.

Por último, advertiu que “uma deformação maior ainda de nossa fé acontece quando o relativismo leva ao sincretismo: construção espiritual

artificial, que manipula e distorce a natureza essencial, objetiva e reveladora do cristianismo”.

“O que faz com que a Igreja seja missionária por natureza é precisamente o caráter definitivo e completo da revelação de Jesus Cristo, como Filho de Deus. Este é o fundamento de nossa fé. Isto é o que faz com que o testemunho cristão seja confiável”, afirmou o Santo Padre com clareza, repetindo este conceito em várias ocasiões.

Irmãs da Providência

Paraguaçu, MG, 5/7. Nessa data, a Congregação das Irmãs de Providência de GAP começaram a celebrar seu centenário no Brasil em Carmo do Rio Claro, MG, terra onde iniciaram seu trabalho em 1904.

O fundador é o Beato pe. João Martinho Moyë que, em 14/1/1762, entregava a Margarida Leconte a direção de uma humilde escola para alfabetização de meninas e moças, no povoado de Vigy, França. O seu sonho — e que veio a ser o carisma das Irmãs da Providência — sempre foi o de ensinar e assistir, preferencialmente, meninas e moças pobres, excluídas da melhor convivência social e da plena cidadania. De Carmo do Rio Claro e de Itajubá, a Congregação se espalhou por várias regiões do Brasil. Suas Irmãs continuam servindo em creches, hospitais, orfanatos, asilos, malocas de índios, enfermarias e dispensários de saúde, impelidas pelo sopro do Espírito Santo e da Santíssima Mãe Auxiliadora.



A IGREJA NO MUNDO	4
• Notícias	
PALAVRA DO PAPA	6
• Cultura da morte, não!	
CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2003	7
• País jovem com cabelos brancos	
FÉ E CIDADANIA	9
• Mestres espirituais	
Frei Betto	
• Família: angústia e esperanças	10
João Batista Libânio	
• Arte de ser pai	12
Luis Erlin	
• A palavra é...	13
Luis Erlin	
REPORTAGEM	14
• Vidas recicladas	
Adelino Dias Coelho	
MARIOLOGIA	18
• Maria, o espelho das mulheres	
Carmem Sílvia Machado Galvão	
HISTÓRIA DA IGREJA	20
• América Latina e pluralismo religioso	
José Maria Vigil	
LINGUAGEM POSITIVA	22
• Dignidade na comunicação	
Francisco Gomes de Matos	
SANTOS - TESTEMUNHOS DE VIDA CRISTÃ	24
• Mártires Claretianos de Barbastro	
Adelino Dias Coelho	
MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR	25
• Senhora dos Imigrantes	
Roque V. Beraldi	
LITURGIA DA PALAVRA	26
• De 7 a 28 de setembro	
Adelino Dias Coelho	
MEU LAR	31
• Falando consigo mesmo através do outro (Continuação.)	
Wimer Botura Jr.	
CULINÁRIA	32
Yvonne Barros Oliveira	
TURMA DA MAÍRA	33
Tina Glória	

Cultura da morte, não!

Apresentamos alguns trechos do discurso do papa João Paulo II aos bispos do rito latino da Índia, no Vaticano, em 3/6:

"...Os programas pastorais eficazes devem ser organizados de maneira a abordar os problemas específicos que a sociedade moderna apresenta. Como muitos outros países, a Índia encontra-se inserida num movimento que se orienta para a cultura da morte, como se vê, por exemplo, nas ameaças perpetradas contra os nascituros, especialmente do sexo feminino.

Animo-vos a permanecer vigilantes nos vossos esforços de corajosa pregação do notável ensinamento da Igreja, em relação ao direito inviolável da vida de todo o ser humano inocente. Os esforços conjuntos em ordem a impedir a cultura da morte precisam do compromisso de toda a comunidade católica. Da mesma forma, qualquer estratégia a este propósito deve incluir os indivíduos, as famílias, os movimentos e as associações empenhadas na edificação de uma sociedade, onde a dignidade de cada pessoa seja reconhecida e tutelada, promovendo a vida de todos.

A globalização também tem desafiado os costumes tradicionais e a ética. Isto pode ser claramente visto nas tentativas de impor à sociedade asiática certos tipos de formação familiar, e de medidas sanitárias reprodutivas, moralmente inaceitáveis. Ao mesmo tempo, uma compreensão errônea da

lei moral levou muitas pessoas a justificar as atividades sexuais imorais, sob o pretexto da liberdade que, em contrapartida, resultou numa simples aceitação da mentalidade contraceptiva.

As conseqüências destas atividades irresponsáveis não apenas ameaçam a instituição da família, mas também contribuem para a difusão da AIDS, que está alcançando proporções epidêmicas em várias partes do vosso país. A resposta da Igreja que está na Índia

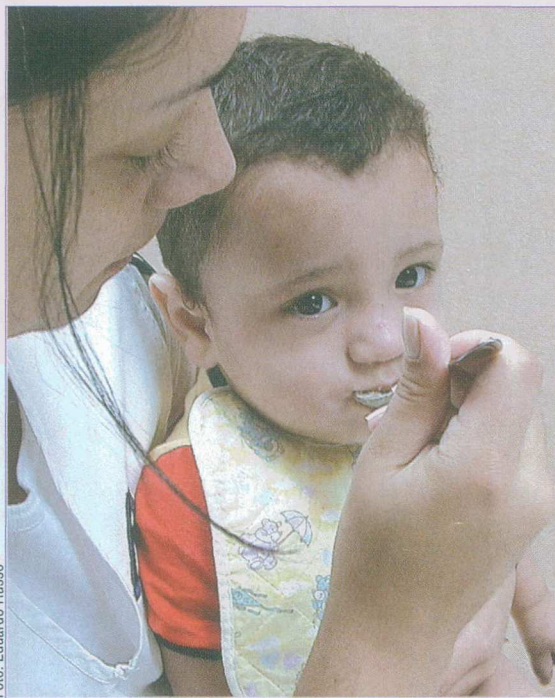


Foto: Eduardo Russo

deve consistir em continuar a promover a santidade da vida matrimonial e a linguagem inata que exprime a entrega total do marido e da esposa. A Igreja é chamada a proclamar que o verdadeiro amor é o amor cristão, e que o amor cristão é casto.

Encorajo-vos a fomentar programas de educação que realcem o ensinamento da Igreja a este propósito. Ao mesmo tempo, devem fazer-se esfor-

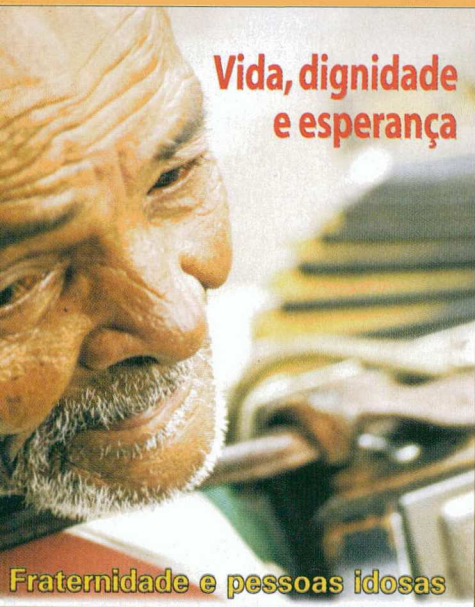
ços no sentido de promover a dignidade e os direitos das mulheres, a fim de garantir um "novo feminismo" em todos os níveis da sociedade indiana. E sem cair na tentação de seguir modelos "masculinizados", com vista a reconhecer e a exprimir o verdadeiro gênio feminino em todas as manifestações da convivência civil, trabalhando pela superação de toda a forma de discriminação, violência e exploração...

Faço votos de que vós, juntamente com os fiéis leigos, deis prosseguimento ao diálogo inter-religioso com os líderes locais dos outros credos religiosos que assegure uma maior compreensão e cooperação recíprocas.

Da mesma forma, deveis manter um diálogo concreto com as autoridades locais e nacionais, para assegurar que a Índia continue a promover e a proteger os direitos básicos de todos os seus cidadãos. Uma parte integrante desta democracia, que verdadeiramente serve o bem dos indivíduos e dos povos, é o respeito pela liberdade religiosa, porque é o direito que diz respeito à liberdade mais íntima e profundamente interior do indivíduo...

Neste Ano do Rosário, rezo para que, por intercessão de Nossa Senhora, o Espírito Santo vos confirme a vós, bem como ao clero, aos religiosos, às religiosas e aos fiéis leigos das vossas dioceses, no dom de Deus que recebestes, enquanto vos concedo, cordialmente a minha bênção apostólica, como penhor de alegria e de paz no Senhor.

João Paulo II



Vida, dignidade e esperança

Fraternidade e pessoas idosas

País jovem com cabelos brancos

Situação do presbítero, do(a) religioso(a) e do bispo na terceira idade

Entre os anciãos e anciãs de nossas comunidades, se encontram muitos padres, bispos, religiosos e religiosas. Alguns contam com a solidariedade da comunidade cristã. Outros se encontram no abandono e no isolamento.

No caso específico do padre ou do bispo idoso, existem possibilidades diferentes: viver com algum parente, ser sustentado por algumas pessoas generosas, em uma casa do clero ou, excepcionalmente, em um asilo. Isso por não ter nenhum vínculo familiar ou próximo ao seu coração (com exceção dos sobrinhos ou primos); faltam-lhe, portanto, possibilidades freqüentes de se encontrar com alguém. Para muitos padres ou bispos idosos, tudo acabou; eles se sentem sozinhos, desprotegidos, sem afeto e ternura de ninguém, sequer de seus coirmãos, sobretudo os mais jovens, que nunca, ou quase nunca, os visitam. Os antigos colegas de presbitério ou já faleceram ou já não podem se mover.

As dificuldades podem ser provenientes:

- **do próprio ancião:** incapacidade física e mental em que às vezes se encontra e seus múltiplos problemas de saúde; a falta de preparação para aceitar sua situação e de motivação para deixar-se ajudar; a marginalização do trabalho e da convivência social; a profunda necessidade de ser escutado.

• **da parte dos seus irmãos no presbitério:** nota-se, em geral, uma falta de consciência e despreparo para atender aos coirmãos idosos; nem sempre existe uma fraternidade sacerdotal eficaz.

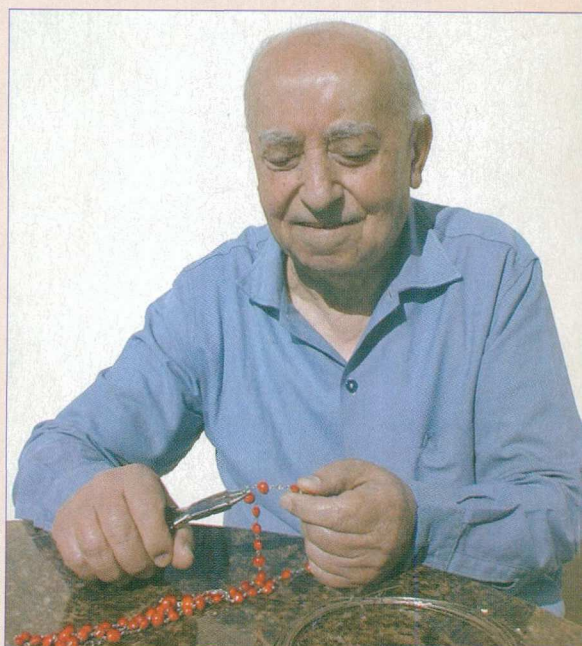
Em muitos lugares, padres, bispos e religiosos(as) idosos podem desfrutar de uma acolhida especial, e da paciente e carinhosa veneração por parte de muitos fiéis, que reconhecem neles seus "pais" e os respeitam como pessoas sagradas, como ministros do Senhor.

Há urgência de proteção para o envelhecimento dos portadores de necessidades especiais:

- **portadores de transtornos mentais.** Como protegê-los na velhice? Quem vai cuidar deles quando a família já não existir mais?

- **portadores de deficiência intelectual (paralisia cerebral, Síndrome de Down, retardo intelectual).** Antes, eram crianças que faleciam aos 18 anos. Hoje, estão com 48, 50 anos. Já existem registros com idade superior. Quem vai cuidar deles? Os pais, seus cuidadores, também envelhecem e ficam fragilizados. Como vamos planejar o futuro? Há uma menção especial da Organização Mundial da Saúde para esses heróicos pais de portadores de deficiência intelectual;

- **pessoas que, na velhice, perdem a autonomia física.** Quem serão cuidadores delas? A família recebe algum apoio para desempenhar essas tarefas? Quem cuida dos cuidadores? Sabe-se que, na sua grande maioria, são mulheres também envelhecidas.



Irmão Joaquim, 88 anos, é aposentado e reside em uma das casas da congregação à qual pertence, em São Paulo, onde recebe afeto e ternura de seus coirmãos, depois de tantos anos de trabalho.

Foto: Eduardo Russo

Quando isso acontece, seus sentimentos de insegurança e solidão aliviam-se e seu sentido de pertença se fortalece.

Envelhecimento dos presidiários

Qual é o horizonte daqueles que, já adultos, vão para presídios onde ficam durante 20, 30 anos e um dia são postos em liberdade? São homens e mulheres sem projetos. Muitos, frequentemente, com vínculos já desfeitos. O único desejo é a liberdade. Quem os apóia na volta? Como ajudá-los a usar o tempo para reflexão e a reorganização de sua vida?



Fotos: Avelino S. de Godoy

Conclusão da existência histórica

A vida e a morte fazem parte da nossa existência. A sociedade de hoje evita falar da morte. Evita, em primeiro lugar, porque morte significa maldição, é a paga por nossos pecados. Morte significa também separação, ausência. Morte significa a experiência mais profunda da solidão, pois mesmo que

muitas pessoas morram ao mesmo tempo, ninguém poderá partilhar com o outro a experiência. Morte significa um mergulho no desconhecido das ciências que tudo explicam. Como ajudar os velhos a aceitar a morte, a finitude como um evento muito especial e não como castigo? Como refletir com eles sobre a transcendência?

Educação continuada

Na velhice, o tempo toma outras dimensões. O que fazer com o tempo livre? Como o idoso pode encontrar um novo significado para essa nova etapa, talvez a mais longa da vida? Observa-se que, no processo de aprendizagem, o velho é capaz de mudar, de aprender, de desejar. O que a sociedade vem propondo? Voltar para a escola? Aprender a tocar aquele instrumento musical adiado por toda a vida? Contar histórias para os netos? Escrever sua biografia? Passar sua experiência para os mais jovens? Aprender um novo ofício? Aprender a desenhar, pintar? Conviver com outros idosos? Aprender a visitar museus, ir ao cinema, teatro, ler um livro, viajar? A educação continuada pode ser uma possibilidade de o idoso exercitar a sua cidadania?

Situação dos idosos

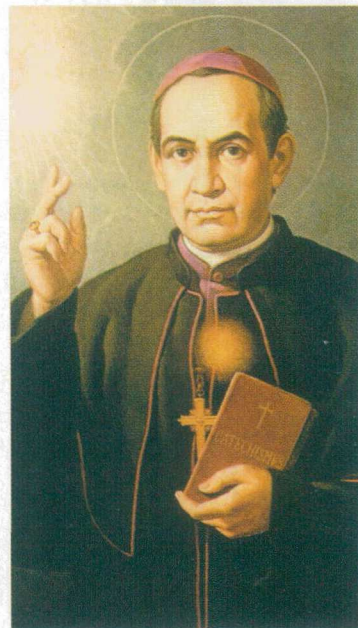
É um fenômeno mundial o envelhecimento da população, o que traz importantes repercussões nos campos social e econômico, especialmente nos países em desenvolvimento, sobretudo quando não existem condições para o seu ajuste social e para uma vida de boa qualidade. É o que acontece no Brasil: aqui, existe uma grande população de idosos, sobre a qual se sabe pouco, e a infra-estrutura necessária para atender a essa população é bastante precária: os serviços, programas sociais e de saúde para os idosos, particularmente os de baixa renda, são

muito deficientes. O Brasil carrega o sonho ilusório de ser um país jovem, e não se prepara para a realidade de que existem, atualmente, 15 milhões de sexagenários, um em cada dezesseis habitantes. Em nossa sociedade, caracterizada pelas mais cruéis contradições, a mulher, a criança e o velho são as maiores vítimas. "O Brasil hoje é um país jovem com cabelos brancos".



MISSIONÁRIOS CLARETIANOS

Servidores da Palavra ao estilo de Claret, anunciando a Boa Nova do Reino a todos os povos e nações.



*Venha conosco
nessa missão!*

SECRETARIADO VOCACIONAL
F. (19) 9604-2745 / 3242-2258 - Campinas-SP
pemaucio@mpc.com.br

CENTRO PE. JAIME CLOTET
F. (46) 224-4129 - Pato Branco-PR
pe_gilson@zipmail.com.br

COMUNIDADE CLARETIANA
F. (82) 326-8122 - Maceió-AL
missaoclalet@ofm.com.br

COMUNIDADE CLARETIANA
F. (66) 437-1106 - Campinas-MT

SECRETARIADO VOCACIONAL
F. (31) 3218-7676 - Belo Horizonte-MG
pvbcent@uai.com.br

COMUNIDADE CLARETIANA
F. (61) 351-1051 - Taguatinga-DF

Mestres espirituais

Frei Betto

Por que o Dalai Lama exerce tanto fascínio? Como tantos mestres espirituais, ele parece encarnar tudo aquilo que não somos e gostaríamos de ser. Transmite-nos uma imagem de paz, num mundo repleto de conflitos; de coerência, numa sociedade que não prima pela ética; de profundidade espiritual, numa civilização que se deixa hipnotizar pela superficialidade do consumismo.

Não somos capazes de imaginar o Dalai Lama gritando com um de seus monges. No entanto, erguemos a voz irritados com familiares e subalternos. Não imaginamos o mestre espiritual do Tibete sonogando o salário da cozinheira. No entanto, custa-nos pagar aos empregados um valor que, um dia, lhes permita deixar de viver em função da sobrevivência imediata. Impossível supor que o Dalai Lama fique irado com uma crítica pessoal. No entanto, sentimos a nossa auto-estima ferida quando temos certeza de que as nossas fraquezas são percebidas pelos outros.

Por que esse fascínio que os mestres espirituais exercem sobre nós? A resposta não reside neles. Reside em nós. Tanto mais os admiramos, quanto mais temos consciência de nossas dificuldades para abraçar as mesmas sendas.

O que nos atrai em Jesus, Buda ou Francisco de Assis é que foram capazes de uma opção radical pela felicidade. Eis um bem que todos buscamos. Porém, eles nos sinalizam que a felicidade é uma lagoa paradisíaca escondida dentro de uma floresta, à qual se

tem acesso por trilhas inóspitas. É a terceira margem do rio, a que se refere o conto de Guimarães Rosa. Sonhamos com a lagoa, mas tememos empreender a caminhada. Não queremos perder de vista a primeira margem do rio. O resultado é essa tentativa sisifista de procurar conciliar o inconciliável; o apego aos bens materiais e o despren-

a felicidade reside nos bens finitos, na posse e na acumulação, e é o resultado da soma dos prazeres. É o que a publicidade sugere: vista esta roupa, coma naquela lanchonete, ande em tal carro, use este cartão de crédito... e você será feliz!

O valor dos mestres espirituais emana da vida interior. São pessoas



Foto: Arquivo

dimento espiritual; o horror aos pobres e o amor ao próximo; o medo de mudanças e a sedução da utopia.

As vias do neoliberalismo são contrárias àquelas dos mestres espirituais. Estes acreditam que a felicidade situa-se no mais íntimo de nós, nos bens infinitos, na experiência incondicional do amor. O sistema, contudo, apregoa que

que dispensam o olhar alheio. Fama e fortuna pouco lhes importam. Preferem uma hora de meditação a três de aplausos. São capazes de empatia com os anônimos. Sedentos de justiça, jamais se conformam com o mundo tal como ele se apresenta. Exalam compaixão, tolerância e esperança.

São militantes de causas aparente-

mente impossíveis, pelas quais dão a vida. Não dialogam com a tentação, nem se esforçam por manter o precário equilíbrio de quem insiste em ter uma perna na vaidade e outra no desprendimento; uma na sensualidade e outra na interioridade; uma na indiferença à desigualdade social e outra na utopia.

A cultura consumista adota como mandamentos os sete pecados capitais: a gula, a luxúria, a avareza, a ira, a inveja, a preguiça e o orgulho. A vida espiritual trafega pelo caminho inverso: desapego aos apetites, pudor, respeito ao outro, recato, serviço, gratuidade. Num mundo em que a competitividade é exaltada como valor supremo, como esperar que as pessoas pratiquem a solidariedade?

Os mestres espirituais só interessam ao consumismo na medida em que servem de pretexto para vender algum produto — seja a oposição ao regime chinês ou as mercadorias veiculadas por quem patrocina o espaço televisivo.

A vida espiritual não é um jogo de emoções que nos faz experimentar a vertigem do transcendente, mas uma atitude concreta e efetiva frente ao próximo, de modo a vencermos o individualismo para criar vínculos de comunhão. O egoísmo é uma tendência natural em todos nós. O altruísmo é uma cultura.

O critério evangélico para se saber quem está ou não no caminho ensinado por Jesus é simples: aqueles que são capazes de identificá-lo na face dos excluídos, e lutam para que todos tenham vida e vida em plenitude. A vida espiritual não é um luxo narcísico. Ela é o reflexo, em nós, do amor que somos capazes de dar aos outros.



Frei Betto é escritor, autor do romance sobre Jesus "Entre todos os homens" (Ática), entre outros livros.

Família: angústias e esperança

J. B. Libânio

Há crimes hediondos em todas as partes e em todos os tempos. Há crimes que chocam e abalam mais a sociedade. Talvez já tenhamos esquecido o terrível crime do ano passado, cometido por Suzane von Richthofen.

Jovem de 19 anos, rica, com futuro promissor, associa-se a seu namorado e ao irmão deste para assassinar os próprios pais.

Que acontece na família? Será que os pais conhecem os filhos, dialogam suficientemente com eles, amam-nos e são por eles amados de tal modo que não sejam surpreendidos por tamanha aberração humana em casa?

São angústias que assaltam os lares diante do abalo sísmico causado por tal tragédia. Sempre é fácil responder que se trata de um caso patológico, de uma loucura, de uma perversidade de personalidade. Mas a pergunta continua: por que e como tal monstruosidade se gera? Que faz desencadeá-la? Que se pode fazer na família para evitar que se chegue a tais extremos?

Pensar na vida de família, sem ilusões românticas e no espírito realista pedido pelos tempos atuais, é um de-

safio sério. Ontem, a família e a cultura se apoiavam mutuamente. A cultura tradicional brasileira estava impregnada de valores cristãos que passavam, de geração, em geração pela via familiar. Era mais fácil educar porque os pais transmitiam em casa aquilo mesmo que os filhos respiravam em todo o ambiente circundante. Nas igrejas que freqüentavam, nas escolas em que estudavam, nos círculos sociais de que faziam parte. Havia interpenetração dos mesmos valores: respeito e obedi-



Fotos: Avelino S. de Godoy



ência aos pais, cumprimento dos deveres religiosos e civis.

A cultura, hoje em dia, vem sendo criada primordialmente pela mídia, desprotegendo a família e dificultando as transmissões familiares. Os pais dizem algo em casa, os filhos vêem e ouvem o contrário nas novelas, nos programas de auditório, nas escolas, nos grupos de amigos. Não há cultura familiar que resista a tal embate e, pouco a pouco, a família se desfaz de seus valores maiores.

Com a maior naturalidade, os filhos assistem a disputas entre os pais, a separações traumáticas. Sua afetividade desgasta-se precocemente e açulada pela tirania do prazer e dos caminhos curtos do sucesso, não percebe limites.

Tocamos aqui o ponto crucial da vida familiar. Como lidar com o limite?

Aquelas pessoas, que não experimentaram nem experimentam o limite, primeiro imposto pela autoridade dos pais e depois pela própria realidade, criam no seu interior a sensação de onipotência e de estar acima de toda lei. Daí, há um passo pequeno para qualquer monstruosidade.

Aquelas pessoas, que não experimentaram nem experimentam o limite, primeiro imposto pela autoridade dos pais e depois pela própria realidade, criam no seu interior a sensação de onipotência e de estar acima de toda lei. Daí, há um passo pequeno para qualquer monstruosidade. Basta que seja provocada por circunstâncias externas.

O limite funda-se no fato de sermos criados. Não somos deuses. Adão e Eva são tentados a comer da árvore da ciência do bem e do mal (cf. Gn 2, 16), isto é, a querer saber tudo, possuir tudo, dominar tudo. E que acontece quando eles o fazem? Sentem-se nus, com vergonha. Ensino extremamente profundo da Escritura. Que aconteceu com Suzane? Depois do crime, depois

de comer do fruto da árvore, chorou, sentiu-se deprimida, reduzida a nada. É a nudez de que fala a Escritura.

Na perspectiva da fé, é mais fácil aceitar o limite. O Verbo divino, o Deus verdadeiro vem até nós. E como? No limite da criança que obedece a seus pais terrestres, do jovem e adulto que assume a vida simples e pobre no meio dos pequenos desse mundo.

Os pais são tanto mais pais quanto mais conseguem unir duas dimensões fundamentais da vida humana: vigor e ternura, firmeza e carinho, limite firme e misericórdia. Só numa família em que reine muita ternura, carinho e misericórdia, cria-se um clima sadio, humano, cristão. Mas, ao mesmo tempo, os pais e filhos necessitam de vigor no cumprimento dos deveres, de firmeza nas decisões e de limites aos próprios desejos.

De novo, Jesus ajuda-nos. Vejam

como foi terno, carinhoso e misericordioso diante dos pecadores, dos doentes, dos fracos. Mas, ao mesmo tempo, mostrou-se firme na condenação aos fariseus, quando pervertiam a lei e os critérios de bem e de verdade. Com vontade determinada, levou a missão até o fim, morrendo numa cruz. Decido venceu as tentações, não se deixando afastar do caminho, mesmo quando um Pedro lhe solicitou.

A família cristã — pais e filhos —, ao expor-se ao bombardeio de imagens e desvalores da mídia, perde o verdadeiro rumo e já não sabe a que valores ater-se. Como evitar então desastres espirituais e humanos como aconteceu na família Richthofen? Ela não é, infelizmente, exceção, mas paradigmática. Aprendamos a lição!



J. B. Libânio é professor e diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores dos jesuitas (CES), Belo Horizonte, MG.

Num único local todo o mercado católico

EXPO Católica®

FEIRA INTERNACIONAL DE LIVROS E ARTIGOS RELIGIOSOS

de 18 a 21 de setembro | 2003

no Expo Center Norte | São Paulo, SP

18 e 19 reservado aos profissionais
20 e 21 aberto ao público
entrada um quilo de alimento não-perecível

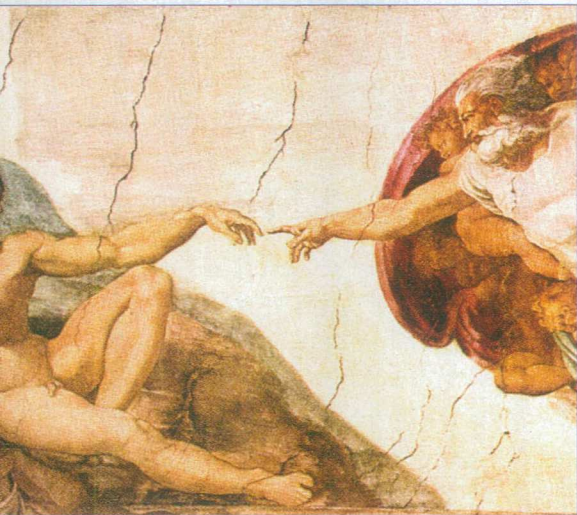


informações e reservas: (11) 3311-6884 | 3313-2218 | promocat@terra.com.br

www.expocatolica.com.br

Arte de ser pai

Luis Erlin



Miguel Angelo: a criação de Adão

"Pai é dar a vida", "Ser pai é educar", "O pai sempre se doa", "Pai, obrigado por seu exemplo". Todos os anos, no Dia dos Pais, ouvimos essas frases de efeito que são usadas como chavões para homenageá-los, mas essa poesia às vezes barata, usada excessivamente pode reduzir o significado da identidade paterna.

Ser pai não se resume

CONFIRA:

Na pregação de Jesus, Deus de fato é "pai": (Mt 11,25; Lc 10,22; Mt 24,36; Mc 13,32; Lc 9,26; 11,2.13; Mt 5,16).

- No conceito de Pai se acentua:
- o cuidado (Mt 6,26.32; Lc 12,30; Mt 6,8; 10,29)
 - o amor que se doa (Mt 7,9-11; Lc 11,11-13)
 - o perdão (Mt 6,12.15; Lc 15).

em dar a vida, ou educar, doar-se aos filhos, muito menos nos exemplos dados. Tudo isso faz parte do papel social do pai, mas ser pai, vai além...

O que é ser pai?

Deus é revelado como Pai pelo anúncio misericordioso de Jesus Cristo. Deus Pai é o Artista dos artistas, criativo ao criar. Dá o que tem de melhor na construção de sua obra-prima. Se necessário for, começa de novo, com paciência retoma a lição, pois sabe que não está perdendo tempo, mas investindo carinho. O Pai Artista sabe que sua obra é feita de barro, frágil. Por isso, não exige mais do que ela pode dar. Ele vela ao lado da criatura, mas diferencia proteção de protecionismo. Não toma decisões para a obra, respeita o direito dela decidir, se assim não fosse, a liberdade seria um presente inútil.

Mesmo sabendo que a decisão provocará queda no futuro, o Pai não castiga pela escolha errada... Se caiu, ajuda a levantar, olha nos olhos e diz: *tente de novo, estou contigo!* (vale lembrar o Filho Pródigo). A obra não foi criada para a imperfeição, a beleza aspira o perfeito, assim o Artista em busca da perfeição da obra faz correções, lixa, pole, limpa... sem ferir ou humilhá-la.

Não caminha no lugar da criatura, nem impõe o caminho a seguir... vai ao lado, caminha junto.

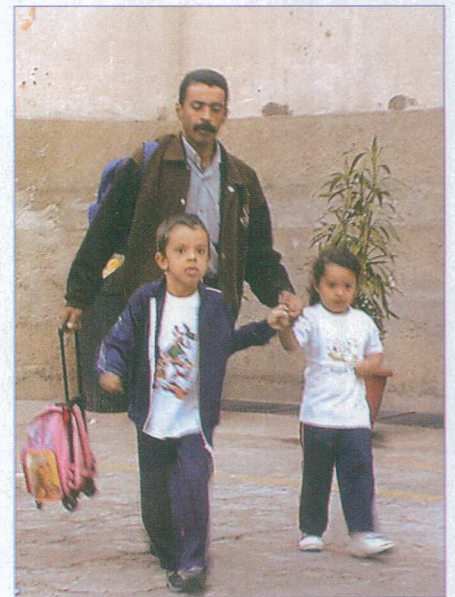
O Grande Artista deixa claro que ama sem condicionar, e sua

obra sente-se amada sem estar sufocada. O Pai não cria para si, pois tem consciência que não se pode esconder uma luz debaixo de uma vasilha. A obra é para o benefício de todos, é presente ao Universo. Ama, sem querer prender para si.

Deus Pai é artista, e a imagem do artista, acredito que seja a melhor alegoria para falar dos pais.

Então, o que é ser pai?

Ser pai, é ser um pouco do artista que é Deus. Temos dentro de nós como relíquia sagrada a marca do Artista: *feitos à imagem e semelhança dele*. A paternidade e a maternidade são para os filhos Deus, dom e graça, é a imagem e a semelhança dele em nós. Ser pai exi-



ge amor, e "Deus é amor" (1 Jo 4,8).

Pai é o homem que se identifica com Deus, e no trato com os filhos revela o rosto do Criador.



Luis Erlin é sacerdote, missionário Claretiano.

A palavra é...

"A Palavra é..." pretende ser para os leitores da Revista **Ave Maria** uma fonte de catequese. Em cada número, vai-se refletir e conhecer melhor o significado de palavras que usamos habitualmente e nem sempre se sabe seu sentido real e origem. Se o leitor tiver dúvida sobre algum termo religioso, escreva-nos. Hoje, **a palavra é... Teologia.**

Teologia: originou-se da união de duas palavras gregas: Deus (teo) e doutrina (logia). Teologia é, portanto, a ciência que trata de Deus e de tudo aquilo que possa estar relacionado a ele. Esse termo não foi criado pelos cristãos, os gregos já o utilizavam antes de Cristo (vale lembrar, Platão e Aristóteles). No cristianismo, pode-se dizer que a palavra Teologia se solidificou como uma ciência que busca estudar Deus.

A Teologia não é uma peça única de um sistema de estudo, mas é constituída de diversos segmentos que a compõem, como por exemplo: *Teologia Dogmática*, que se refere às coisas da fé (dogmas); *Teologia Moral*, relacionada à vida diária dos fiéis (orientações morais); *Teologia Litúrgica*, voltada ao culto (celebrações); *Teologia Canônica*, sobre as leis da Igreja; *Sagrada Escritura*, estudo sobre os livros bíblicos (Revelação).

Antes do Concílio Vaticano II, o estudo da Teologia era destinado quase que exclusivamente aos candidatos ao sacerdócio, não eram faculdades abertas a todos os fiéis. Os cristãos católicos se aprofundavam na fé através de leituras espirituais de cunho devocional (um exemplo, é o clássico *Imitação de Cristo*).

Graças à renovação que o Concílio Vaticano II proporcionou, a Igreja percebeu a importância da formação doutrinal de todos os cristãos católicos.

No Decreto sobre o Apostolado dos Leigos, o Concílio afirma: "O apostolado só pode atingir plena eficácia com uma multiforme e íntegra formação... além da formação espiritual, requer-se uma sólida preparação doutrinal, nomeadamente teológica, ética e filosófica" (28/29). Ou seja, sendo o



Foto: Silvano Vinca Esgalho

leigo um apóstolo do novo tempo, é necessário que ele esteja convencido e orientado na fé, para ser testemunha viva do Cristo.

Muitas escolas de Teologia destinadas à formação de leigos existem hoje no Brasil, algumas credenciadas pelo MEC, outras menos sistemáticas como as paroquiais e diocesanas.

O dever de saber a doutrina cristã para transmiti-la não é só do sacerdote, e sim de todo batizado. Para seguir a Cristo e ser sua testemunha, é preciso conhecê-lo.



Elaborado por Luis Erlin.



Vidas recicladas

Eu vim para que todos tenham vida e para que a tenham em abundância.

(Jo 10,10)

Dando seqüência à série de reportagens sobre idosos — que não se conformam em viver do assistencialismo, mas querem, eles mesmos, trabalhar com as próprias mãos —, enfocamos, na edição passada, o trabalho pioneiro da “Feira de quem Faz”. Nesta, apresentamos o “Projeto Reciclázaro”, cujo ideal é o mesmo.

O que é Reciclázaro?

Criado sob a supervisão do Padre José Carlos de Freitas Spínola (responsável pela Paróquia São João Maria Vianey, situada na Praça Cornélia, 135, Água Branca, São Paulo, SP), o projeto Reciclázaro é um forte exemplo de ação comunitária que tem como principal objetivo o resgate da auto-estima e a sustentabilidade dos moradores de rua com dependência química.

A entidade, localizada no n.º 101 da mesma praça, funciona como um pos-

to de entrega voluntária de materiais recicláveis. Hoje, uma equipe técnica de atendimento assiste cerca de 40 pessoas, vinculadas ao referido projeto, sendo homens e mulheres na faixa de 18 a 60 anos. O processo de trabalho com materiais recicláveis permite às pessoas envolvidas diretamente no projeto, despertar no indivíduo o respeito, a participação, a consciência de si e a existência do outro, o desenvolvimento de habilidades e da auto-estima, bem como o compromisso com a mudança de comportamento.

Através da cooperativa de materiais recicláveis, as pessoas assistidas retornam à vida em comunidade e recebem pelo seu trabalho uma bolsa-auxílio-tratamento, que varia mensalmente dependendo da sua partici-

pação na cooperativa. A equipe técnica envolvida oferece ao integrante do projeto, assistência social, psicológica, médica e odontológica, e, juntos, procuram orientar e administrar, de forma adequada, a remuneração recebida, mensalmente, priorizando atender as despesas básicas diárias, como moradia, alimentação e tratamento médico.



Sede do Reciclázaro e posto de entrega voluntária. Na foto, alguns de seus associados que recebem materiais recicláveis, que chegam a todo momento.

Você sabia que...

Os seis bilhões de pessoas do Planeta Terra produzem cerca de 30 milhões de toneladas de lixo por ano. Se fosse adotado o padrão norte-americano de consumo, seriam necessários 5 planetas para servirem de depósitos para todo o lixo descartado?

No Brasil, a produção diária de lixo é de cerca de 120 mil toneladas e 76% disto tudo vai para os lixões a céu aberto.

A catção nos lixões, assim como na rua, de produtos recicláveis, acaba-se constituindo em uma opção de vida para muitos brasileiros, decorrente da situação social e econômica do país.

Ao ouvir a história do Reciclázaro, narrada pelo pe. José Carlos, (45), seu idealizador e criador, vem-nos à lembrança a parábola do bom samaritano. Só que, ao contrário do sacerdote da parábola, ao ver seus irmãos abandonados, moveu-se de compaixão (cf. Lc 10,25-37).

Ave Maria - Como surgiu o Reciclázaro?

Pe. José Carlos - Vim de uma paróquia de periferia, cujo trabalho era totalmente diferente do daqui. Lá, também havia população de rua, mas era muito pequena e a grande tarefa, o grande foco eram os adolescentes. Então, eu tinha uma experiência toda centrada na juventude e meu mestrado em comunicação tinha sido aplicado à área da saúde, prevenção e uso de drogas.

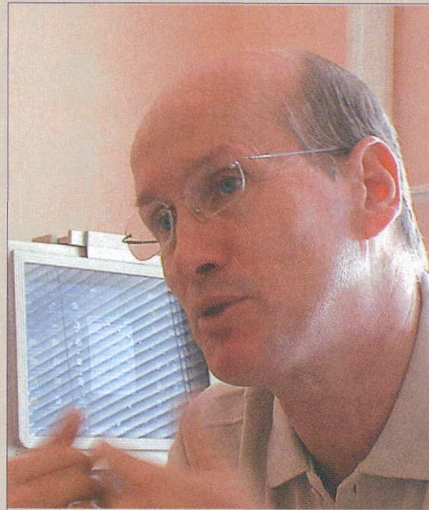
Num determinado momento, meu bispo, d. Fernando Penteado, pediu-me que eu viesse para esta paróquia. Durante alguns meses, fiquei observando, tentando me encaixar, localizar-me neste novo contexto. Uma coisa me chamou muito a atenção. Toda vez que eu celebrava a eucaristia, de cima do altar, através da porta da igreja, avistava a praça e a população de rua circulando, drogando-se e usando álcool. A polícia vinha, pegava, levava, batia...

Isso começou a me incomodar muito, porque as "ovelhas", dentro da igreja,

eram todas "perfumadinhas", bem alimentadas, vestidas, instruídas, enquanto as ovelhas do lado de fora da igreja estavam abandonadas...

AM - Então, motivou a paróquia a se aproximar deles?

PJC - Não imediatamente. Antes, comecei por processar dentro de mim a aceitação e a adaptação: conseguir ver a riqueza, o belo, a profundidade, a mística, a religiosidade dessas ovelhas sem pastor.



Pe. José Carlos, realizador do "Projeto Reciclázaro".

O segundo momento foi muito mais difícil. Não somente eu, mas o Marcos (Marcos Moreira Vaz, estudante de Jornalismo) e a assistente social Maria Helena Payole, tentamos fazer com que a comunidade se abrisse para essa população de rua. Foi um trabalho árduo e muito penoso, porque a comunidade não estava acostumada a ver aquelas pessoas do lado de dentro da igreja, mas somente de fora.

AM - E os moradores de rua aceitaram vir para dentro da igreja?

PJC - Num primeiro momento, ficaram muito receosos, achando que o padre, a igreja estava querendo levar vantagem em alguma coisa. Perguntavam o que teriam de fazer, dar em troca ou pagar.

AM - Foi aí que entrou a sopa?

JC - A sopa, na verdade, já existia, quando cheguei aqui. O que fizemos foi alugar o imóvel — que nós batizamos de Casa de São Lázaro — para banhos, assistência social e atendimento psicológico, para acolhida enfim. Inicialmente, a sopa foi muito importante, mas, depois de um ano, percebemos que tínhamos que dar um passo além da sopa. Senão, íamos acabar continuando no assistencialismo, no paternalismo... Alimentava-se a população de rua, na rua, e não fazíamos com que ela recuperasse sua alta-estima, a cidadania, a dignidade de filhos de Deus.

AM - A abordagem era pessoal?

PJC - Pessoal. Um a um. Acho que o legal é isso. Julgo que o grande processo de evangelização não é tanto você ensinar, mas querer saber da vida do outro. Não é simplesmente constatar que é um morador-de-rua qualquer. Mas saber que é "Rogério de Santana", de onde veio, qual a idade, qual o nome do pai e da mãe, o que o pai fazia. Se o pai morreu, de que morreu. Enfim, conhecer a história da pessoa é um processo muito interessante e importante.

A partir daquele momento, eles deixam de ser simplesmente um número. Jesus Cristo também perguntava onde as pessoas moravam, tomava refeição com elas, entrava em sua vida, descobria quem eram, interessava-se em saber o que lhes estava doendo, quais eram as tristezas, as alegrias. Não ficava nos discursos. Às vezes, a evangelização significa para nós depositar informações na cabeça dos outros. Ficamos pensando que o outro é quem tem de mudar.

AM - Havia resistência?

PJC - Há e havia muita resistência. A rua é sedutora. Exerce um fascínio de liberdade. Tudo na rua é fácil. A depen-

dência química, para quem está na rua, é o melhor caminho. As coisas se caíram muito bem: ter liberdade sem responsabilidade. Não precisa exercer a cidadania como qualquer outra pessoa que tem de pagar água, luz, impostos. Fica sem obrigações. Não se tem hora para acordar nem para dormir.

Por isso, as pessoas que aceitam sair da rua são as que estão dispostas a resgatar a sua cidadania e o vínculo que perderam com a vida.

AM - Em sua experiência, qual a linguagem religiosa que os toca mais?

PJC - É a linguagem da face misericordiosa de Deus. Quando estão no "fundo do poço", parece que Deus está conformado ou conivente com aquela situação. Mas, quando encontram uma mão amiga que os quer ajudar a sair daquela situação, começam a perceber a imagem de um Deus que não quer que permaneçam na rua ou que acabem seus dias numa garrafa de cachaça, num cachimbo de crack, numa "carreirinha" de cocaína ou num baseado de maconha. Descubrem a face de um Deus que quer que vivam com dignidade. Quando se começa a falar assim é que se percebem os valores que possuem, o que cada uma delas tem de beleza de dignidade, de orgulho, de semelhança com Deus.

AM - E isso tem eco neles?

PJC - Tem muito eco, porque estão com a auto-estima lá embaixo, destruída. E aí, quando eles percebem que você fala à inteligência deles, não para agradar, não falando por falar, mas porque têm valor, têm potencial para se libertar do álcool, eles se sentem motivados a experimentar mudar de vida.

AM - Concretamente, como é feita, aqui, essa passagem?

PJC - Temos vários profissionais, psiquiatras, psicólogos, terapeutas que

nos dão suporte, numa clínica, em Embu-Guaçu, quilômetro 50 da Estrada Santa Rita, em parceria com os Padres Hospitaleiros de São João de Deus que têm uma clínica em Pirituba, na Estrada Turística do Jaraguá. Há três ou quatro vagas mensais só para a população de rua.

AM - Há muitas desistências?

PJC - Muito poucas. O dependente vai para a clínica, voluntariamente, com o suporte dado pelo psiquiatra. É uma aceitação dele. Assim mesmo, há fugas. De dez internados, dois desistem.

AM - Realizam algum trabalho?

PJC - Sim. São eles os recicladores que trabalham no centro de triagem, que fica no quilômetro 15 da Rodovia Raposo Tavares, no Jardim Ester. São, em média, 40 a 45 pessoas, homens e mulheres da população de rua, que trabalham à maneira de cooperativas. Cuidamos de seis entidades na Leopoldina e de outras seis, na zona oeste de São Paulo.

AM - A produção é grande?

PJC - Razoável.

Mas isso para nós não é o mais importante, porque a gente sabe que muitos estão com seus cérebros comprometidos pelas drogas, pela cola de sapateiro, e por isso não produzem aquilo que o mercado de trabalho gostaria que produzissem.

Não nos importa, portanto, se estão amassando muitas latinhas ou amarrando

muito jornal, o essencial é se estão se envolvendo com o processo.

AM - E o trabalho é remunerado?

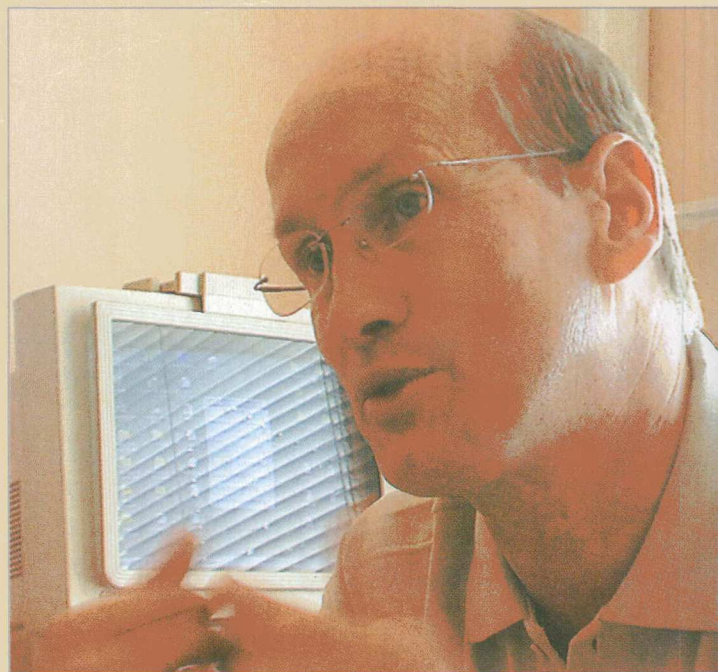
PJC - Sim. Ganham, no mínimo, cada um, R\$ 300,00, por mês, com o material reciclado. Tudo o que eles fazem é para eles. Nada fica para a entidade ou para a igreja.

AM - É como se fosse uma cooperativa?

É como se fosse. Mas a proposta é outra. Tem uma importância terapêutica, enquanto numa cooperativa há aquela visão simplista da produtividade de cotas preestabelecidas, aqui, cada um vai até onde sua capacidade permite.

Mas é do tipo cooperativa porque, após pagamento de água, luz, combustível e o gasto com dois caminhões que buscam o material reciclável, o lucro é dividido entre todos.

O que é mais importante para nós não é o trabalho. O foco principal é a abstinência das drogas, é estarem "limpos" pelo maior tempo possível. Mais tarde, são analisados para se constatar se estão criando vínculo e assumindo responsabilidade.



Depoimento de uma vida reciclada



Marli Alves é um caso típico de exclusão social. Nascida em Itararé, interior de São Paulo, veio para a Capital ainda nova, onde trabalhava como telefonista até ser demitida. Sem emprego, não teve como pagar o aluguel de sua casa e foi morar nas ruas. Acabou se envolvendo com álcool, do qual se tornou usuária crônica.

Há cerca de dois anos, conheceu o Reciclázaro, onde começou um tratamento para dependência química. Hoje, com uma redução de 80% no consumo da bebida, Marli mora em uma pensão com outras duas pessoas, também atendidas pelo Reciclázaro, e agradece, emocionada: "O Reciclázaro foi a minha salvação, se eu continuasse na rua, o álcool acabava me matando. Encontrei novas pessoas, aqui, que considero como meus irmãos, minha nova família (...) Espero que, em 2003, o projeto continue crescendo para poder ajudar mais pessoas como eu". No último dia 29 de março, nasceu a sua filha, Isabel. Sem dúvida, é o começo de uma nova vida, uma vida reciclada.

AM - Qual a espiritualidade que você sugere a quem queira se aproximar deles?

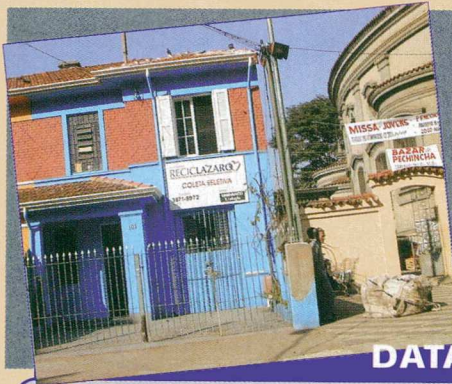
PJC - A de um Deus que se identifica com eles. Um Deus presente no sofrimento, na luta, nas tristezas e nas vitórias de sua vida. Dizemos para eles: "Olhem, há quantos dias vocês estão "limpos", vejam como é bem melhor. Examinem sua pele e vejam como estão mudando, seu apetite está voltando". Eles vão começando a perceber essas coisas, vão se olhar no espelho e começar a perceber que não vieram ao mundo para sofrer, nem para ficar apanhando da polícia, ou ficar preso na cadeia: mas sim, que são a imagem e semelhança de Deus. Um Deus com fisionomia diferente do nosso: muito companheiro, "trecheiro", abandonado, como eles. Assim, toda vez que fui levar-lhes a palavra de Deus, aprendi que é muito mais importante nosso testemunho, exemplo, perseverança e compreensão.

AM - Vocês lhes dão moradia?

PJC - Não damos moradia. Cada um tem de se unir a outros três ou quatro para pagar aluguel, água, luz, comprar comida, etc. Dessa maneira, começam criando vínculos, a exercer a cidadania novamente com dignidade e auto-estima.

Reportagem: Adelino Dias Coelho

Fotos: Avelino S. de Godoy



DATAS IMPORTANTES DO PROJETO REICLÁZARO

Dezembro de 1996 - A realidade da paróquia São João Maria Vianey, localizada na Praça Cornélia - zona oeste da cidade de São Paulo - era esta: pessoas vivendo na praça sem moradia, muitas vezes sem alimentação, intercalando alguns trabalhos temporários, tais como o de "olheiros" de carros, gerando renda e disputa pelo domínio do ponto, todo dinheiro arrecadado era consumido pelo vício.

Um grupo de voluntários da Paróquia começa uma aproximação com os moradores da praça, toda 6ª feira, é servida uma sopa.

Segundo semestre de 1997 - A sopa passa a ser diária, e a paróquia oferece um local para banho e alguns casos passam a ser encaminhados para uma clínica de recuperação (desintoxicação).

Primeiro semestre de 1998 - A paróquia aluga o sobrado vizinho, denominado "Casa de Apoio e Convivência São Lázaro", devido à necessidade de uma estrutura-suporte mais adequada, oferecendo à população de rua: banho, alimentação, assistência social, jurídica, psicológica, odontológica e farmacêutica, além de encaminhamentos para clínicas e serviços especializados.

Dezembro de 1998, janeiro de 1999 - Avaliação das atividades mantidas e estudo da possibilidade de uma ocupação que pudesse, ao mesmo tempo, manter os assistidos fora das ruas, motivando para o trabalho coletivo e gerando renda (bolsa-auxílio).

Fevereiro de 1999 - É criado o Projeto Reciclázaro, que além de abranger a questão social, levou em consideração o meio ambiente e a relação desgastada do homem com a natureza. O referido projeto implantou a coleta seletiva de resíduos, recebendo materiais recicláveis.

2001 - A Associação Reciclázaro recebe, como doação, uma chácara com 18.000m², na região de Embu-Guaçu e, resolvendo ir mais fundo na recuperação de pessoas, cria a Comunidade Terapêutica Reciclázaro.

ENDEREÇOS PARA CONTATOS

Recepção e triagem de Materiais Recicláveis
Praça Cornélia, 101 - Lapa (sede) - Rua Mariana B. da Conceição, 93
Jardim Ester Tels: (0xx11) 3871-5972/3872-5068
Comunidade Terapêutica Reciclázaro
Rua José Rosseto, 10 - Km 50 da Estrada de Santa Rita
Mais informações: (11) 4661-1056
reciclazaro@reciclazaro.com.br

Maria, o espelho das mulheres

Carmen Sílvia Machado Galvão

O exemplo de vida de Maria, como esposa, mãe, dona de casa, longe de reduzir a mulher a um papel submisso dentro do lar, ressalta sua dignidade de servidora, não de quem faz por salário ou obrigação, mas de quem faz bem feito o que se propõe a fazer, porque faz tudo com amor e por amor. Hoje, em alguns casos, o trabalho doméstico, a tarefa da dona de casa, parece que envergonha certas mulheres, como se trabalhar em seu lar fosse sinônimo de submissão. Com isso, algumas vão em busca de seu espaço, para não se submeterem ao machismo do marido, e acabam cedendo a modismos e esquemas, em troca de uma pretensa libertação ou ascensão funcional. Que não se diga que só existe mérito na mulher dona-de-casa, mas também que não se queira menosprezar essa atitude, apenas porque muitos idolatram a "mulher profissional".

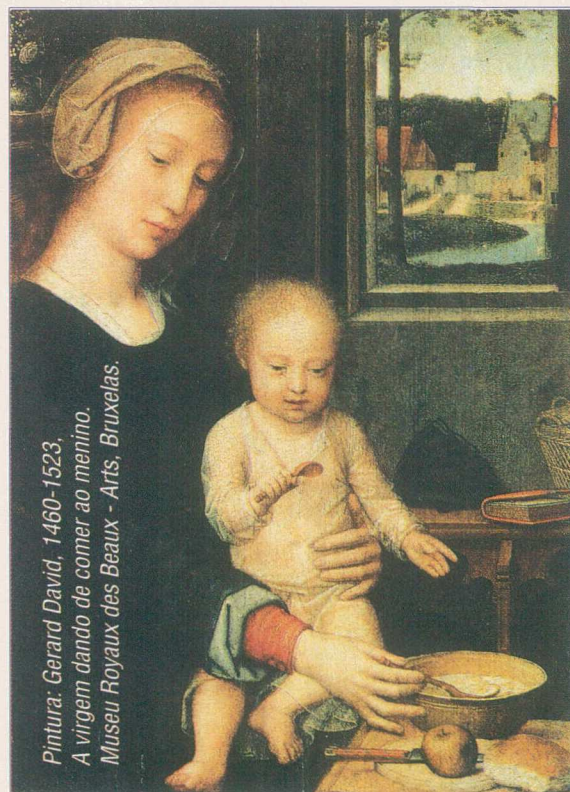
Após a Idade Média e Renascença, os artistas pintaram a Virgem com vestes reais, luxuosas e majestosas, obscurecendo, em alguns casos, pelo exagero da devoção, a simplicidade com que a mãe de Jesus pautou sua vida. Maria e José eram daquelas pessoas chamadas de "pobres de Javé", ao contrário de tanta gente de hoje, onde o luxo e a sofisticação parecem fazer parte essencial da busca de algumas famílias.

Maria nos diz e Jesus confirma, que os excluídos se tornarão incluídos, os banidos serão resgatados. Esta é a síntese da prática messiânica. Ao contrário, quem ajuda a marginalizar, quem cria sistemas opressores ou valida processos injustos, quem se omite diante de tanta corrupção e injustiça, esses, desprezando as palavras de Jesus e o exemplo de Maria, excluem-se da graça divina e das promessas feitas aos bem-aventurados.

"À luz de Maria, a Igreja lê no rosto da mulher, os reflexos de uma beleza que é espelho dos mais elevados sentimentos que o coração humano pode albergar: a totalidade do dom de si por amor; a força que é capaz de resistir aos grandes sofrimentos; a fidelidade sem limites, a operosidade incansável e a capacidade de conjugar a intuição penetrante com a palavra de apoio e encorajamento" (RM 2).

Jesus desconcertou os homens de seu tempo (e o faz até hoje), afirmando que mais felizes eram os pobres, perseguidos e marginalizados, com lugar garantido no Reino dos céus. O poder do braço de Deus, que atinge aqueles que julgam por aparências ou por ouvir dizer, é o mesmo que eleva os humildes. Maria, desde o princípio, teve consciência disso. O "Magnificat", como que um retrato de corpo inteiro da Virgem, é um libelo de inconformismo e contestação a uma situação social injusta e deprimente. Ele é como que o prefácio da "boa notícia", o evangelho segundo Maria, que passa da emotividade e da indignação à ação, prática, discernida e transformadora, estabelecendo a ligação entre Deus e os pobres.

Nesse contexto de acolhida aos excluídos, Maria nos diz e Jesus confirma, que os excluídos se tornarão incluídos, os banidos serão resgatados. Esta é a síntese da prática messiânica. Ao con-



Pintura: Gerard David, 1460-1523.
A virgem dando de comer ao menino.
Museu Royaux des Beaux - Arts, Bruxelas.

trário, quem ajuda a marginalizar, quem cria sistemas opressores ou valida processos injustos, quem se omite diante de tanta corrupção e injustiça, esses, desprezando as palavras de Jesus e o exemplo de Maria, excluem-se da graça divina e das promessas feitas aos bem-aventurados.

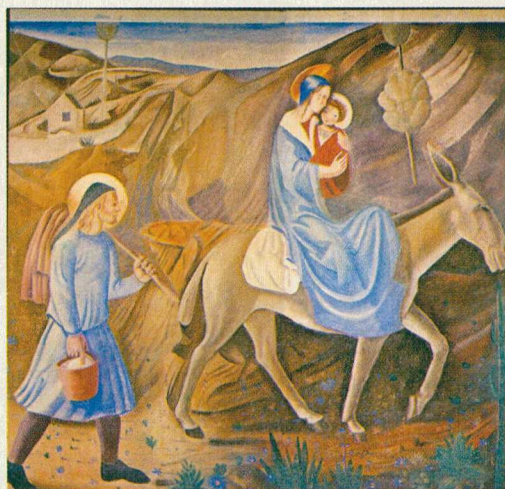
Como pobre e oprimida, por causa de seu filho, Maria sofre perseguição, foi obrigada a buscar exílio no Egito, com José e o menino, e mesmo depois, quando Jesus deu seqüência à sua vida pública, ela sofreu discriminação, porque seu filho pregava uma doutrina diferente, que contrariava os poderosos de seu tempo.

Segundo Santo Afonso, em "As Glórias de Maria", Maria sofreu sete dores: 1) na profecia de Simeão (cf. Lc 2,34) quando soube das espadas de dor que atravessariam seu coração; 2) na fuga para o Egito (cf. Mt 2, 13); 3) na perda do menino no Templo (cf. Lc 2,48); 4) quando encontra Jesus a caminho do Calvário (cf. Jo 19,17); 5) na morte do filho, na cruz (cf. Jo 19,25); 6) a lançada no peito de Jesus e a descida da cruz (cf. Jo 19, 34); 7) no sepultamento de Jesus (cf. Jo 20,40ss).

O símbolo da presença de Maria junto à cruz é imagem da Igreja, em comunhão com Deus, vivendo sua fé até as últimas conseqüências, sendo amparo e solidariedade para com os que sofrem. A morte de Jesus revela que Maria também é mãe dos sofridos. Na mesma revelação, sob o prisma espiritual, ela igualmente se torna mãe dos discípulos e da comunidade apostólica. A verdade, da qual Jesus era portador, incomodou os poderosos daquele tempo. Por isso, Herodes mandou matar o menino, obrigando a Sagrada Família a se esconder. A causa da perseguição, como nos tempos atuais, foi o medo que as realezas têm da verdade.

Maria andou muito. Assim como

uma migrante de nosso sofrido nordeste brasileiro, que andam daqui para lá atrás de comida, água e oportunidades de vida, a mãe de Jesus foi de Nazaré para Belém da Judéia, por causa do censo romano, quando ocorreu o parto. Depois que o menino nasceu e foi perseguido pelos sicários de Herodes, a família fugiu para o Egito. De lá, mais tarde, voltaram para a Galiléia. Quando Jesus iniciou sua vida pública, ela



Fuga para o Egito, Cândido Portinari, Museu Casa Portinari, Brodowski, São Paulo.

Maria andou muito. Assim como uma migrante de nosso sofrido nordeste brasileiro, que andam daqui para lá atrás de comida, água e oportunidades de vida, a mãe de Jesus foi de Nazaré para Belém da Judéia, por causa do censo romano, quando ocorreu o parto. Depois que o menino nasceu e foi perseguido pelos sicários de Herodes, a família fugiu para o Egito. De lá, mais tarde, voltaram para a Galiléia. Quando Jesus iniciou sua vida pública, ela acompanhou o filho pelas poeirentas estradas da Palestina. Maria sentiu a dor dos migrantes, dos refugiados e dos exilados.

acompanhou o filho pelas poeirentas estradas da Palestina.

Maria sentiu a dor dos migrantes, dos refugiados e dos exilados. Tudo isso Maria sentiu e sofreu. Os pobres e fracos até hoje são perseguidos em sua própria terra, por uma realeza, por uma elite insensível, oficial ou privada, que busca a satisfação de seus desejos egoístas, que não admite dialogar ou ceder. Os interesses escusos desses grupos que o sistema privilegia, para atingir seus objetivos de ambição, não titubeiam em rotular, expulsar, desapropriar, prender ou matar. O drama dos migrantes da América Latina é semelhante aos da Ásia ou da África. Por isso, nossa mãe Maria, torna-se, todos os dias, exemplo de resistência, modelo de esperança, força na caminhada, para os sem-voz, para os injustiçados.

É preciso intuir a atividade missionária de Maria, e, a seu exemplo, colocar-se ao lado dos que têm sua dignidade aviltada. Certa vez, há alguns anos atrás, em uma cidade em que morei, no interior do Rio Grande do Sul, um grupo de senhoras arrumava o altar da igreja, quando a imagem de Nossa Senhora caiu no chão e quebrou. Foi aquela choradeira... Na realidade, Maria por certo chora todos os dias a imagem de seu filho, quebrada, toda vez que um fraco é agredido, um pobre injustiçado, ou qualquer pessoa tenha seus direitos desrespeitados.

Só compreendendo a pobreza e a discriminação que Maria por certo sofreu, é que poderemos entender sua presença consoladora no meio do povo. Ela foi mulher, pobre e perseguida, residente num país dominado pelo imperialismo estrangeiro, mas nem isso abateu sua fé. Essa condição de pobre de Deus valeu-lhe a bem-aventurança.



Carmen Sílvia Machado Galvão é teóloga - E-mail: csmgal@terra.com.br

José Maria Vigil

América Latina e

Ao olhar a história por seu significado especial no tema da teologia das religiões, esta edição será dedicada à América Latina. O continente latino-americano tem uma história com características próprias que a faz especialmente relevante na perspectiva do Pluralismo Religioso. Com efeito, é o único continente cuja população atual é herdeira de uma invasão proveniente de outro continente (outra massa humana, outra cultura, outra religião).

A população originária do solo latino-americano foi, em grande parte, dizimada, enquanto os sobreviventes mal vivem recolhidos em rincões afastados, ou deslocados para setores sociais marginais. Isto foi resultado de um processo, levado a cabo com a presença de uma religião que, de fato, legitimou a "conquista" com sua "evangelização".

O continente, hoje, é, em sua maioria, católico (mais da metade dos católicos do mundo vivem nele).

Mas ocorre que, "na América atual não existe um só monumento ritual religioso de origem pré-hispânica. Todos foram destruídos. Em muitos casos, com o material de suas ruínas foram construídos novos templos ou palácios coloniais.

O mesmo não aconteceu, por exemplo, em muitos lugares do Extremo-Oriente (Japão, China, Tailândia, Java), da Índia, do Oriente Médio e da África, onde, não obstante terem chegado missionários da Europa, presta-se culto junto a monumentos milenares" (SILLER, Clodomiro. *El monoteísmo indígena*, in

Teologia India, tomo II, Abya Yala, Quito, 1994, p. 94).

A pergunta é: como é possível que a invasão tenha varrido povos e religiões? Que "atitude para com as demais religiões" terá tido a religião dos conquistadores? Ao indagar que "atitude para com as demais religiões" tinham os conquistadores, estamos perguntando — em palavras modernas — que "teologia das religiões" (que concepção do valor ou da insignificância das demais religiões) tinham os conquistadores, consciente ou inconscientemente?

Elaboremos, nós mesmos, o esboço daquela atitude (daquela "teologia das

Textos que merecem registro

- O primeiro catecismo que se escreveu na América (talvez entre 1510 e 1521), de Pedro de Córdoba, começa com a revelação de "um grande segredo de que vós nunca suspeitastes nem ouvistes: que Deus fez o céu e o inferno. No céu, estão todos os que se converteram à fé cristã e viveram bem; no inferno, estão "todos os que, entre vós morreram, todos os vossos antepassados, pais, mães, avós, parentes e quantos já passaram por esta vida; e para lá ireis também vós se não vos fizerdes amigos

de Deus e não vos batizades e vos tornades cristãos, porque todos os que não são cristãos são inimigos de Deus" (DURAN, J. Guillermo. *Monumenta catechetica hispano-americana*, vol. I, Buenos Aires, 1984).

- Redescoberto em 1924, temos hoje um precioso livro, devido ao admirável trabalho investigativo de Frei Bernardino de Sahagún, intitulado: *Os Colóquios dos Doze Apóstolos*. Nele, pode-se ler, em idioma náhuatl, o último ato público de alguns sábi-



religiões" dos conquistadores), através da consideração dos seguintes testemunhos históricos:

os e sacerdotes astecas sobreviventes, que defenderam suas crenças religiosas e sua forma de vida diante dos

Pluralismo Religioso

missionários. Estes lhes pregavam que o que os antepassados astecas lhes haviam ensinado e deixado como herança "é tudo mentira, vaidade, ficção; não contém nada de verdade" (*Los coloquios de los doce apóstolos*, in *Monumenta...*, op. cit. 215). "Sabei e tende por certo que nenhum dos deuses que adorais é Deus nem doador de vida; todos são diabos infernais" (Ibid. 187).

• Os sábios respondem: "Dissestes que não conhecemos o Senhor... que não eram verdadeiros nossos deuses. Esta mensagem que transmitis é nova para nós. Por causa dela, perturbamos e nos incomodamos. Porque nossos pais... deram-nos suas normas de vida, honravam os deuses, ensinaram-nos todas as suas formas de culto, todos os modos de honrar os deuses. Era doutrina de nossos maiores que é pelos deuses que nós vivemos. Nós sabemos a quem se deve a vida... como se deve invocar, como se deve pedir. E agora? Destruiremos a antiga regra de vida? Já que nos derrotastes e tomastes nosso governo, deixai-nos perecer e morrer, uma vez que nossos deuses estão mortos!" (LEON PORTILLA, Miguel. *El reverso de la conquista*. Mortiz, México, 1990, p. 23-28. O texto completo está na *Agenda Latino-americana*'92, p.51).

• Frei Vicente Valverde, capelão oficial que acompanhava Francisco Pizarro naquela que foi, de fato, a "invasão" do império inca, exigiu que seu chefe, Atahualpa, adorasse a Deus, a cruz e o Evangelho, "porque todo o resto era engano". Atahualpa respondeu que "não adorava senão o Sol que nunca morre e aos deuses que também tinha em sua lei".

• O famoso missionário pe. Antô-

nio Vieira, na Bahia, podia dizer aos escravos negros: "Vossa escravidão não é uma desgraça, senão um grande milagre, porque vossos pais estão no inferno por toda a eternidade. Vós, pelo contrário, vos haveis salvo, graças à escravidão" (VIEIRA, A. *Sermão décimo quarto* (1633). Cf. *Sermões*, vol. 4, tomo 11, nº 6, Lello & Irmão, Porto, 1959, p.301).

• Também se pode lembrar que não somente os missionários vindos para as "Índias Ocidentais", mas todos os missionários cristãos, durante muitos séculos, pensaram o mesmo que o famoso São Francisco Xavier, que foi às "Índias Orientais", convencido de que quem não escutava e aceitava o Evangelho se via privado de salvação.

Questões para refletir

Diante dessa realidade histórica, surgem perguntas que podem nos ajudar a refletir sobre o Pluralismo Religioso:

• Uma vez conhecida essa história, que traços considerariamos característicos do cristianismo para

com as religiões indígenas, encontradas ao chegar à América?

- As religiões indígenas pre-colombianas (e as religiões não-cristãs em geral), tinham (e têm) um valor salvífico?
- Contêm alguma verdade ou parte dela?
- São acolhidas por Deus a oração e a religião dos indígenas?
- Eram eles realmente idólatras?
- Se Cristo nos trouxe a salvação e



Foto: Ianomami - Cláudia Andujár Love e George Leary Love

eles não o conheceram, a salvação de Cristo pode alcançá-los?

• Por que eles não conheceram Cristo? É uma injustiça por parte de Deus privá-los de algo essencial para sua salvação? Terá sido porque Deus ficou calado durante milênios? Foi porque Deus esteve, durante séculos, "limitado" aos muros do mundo judaico?

• Era preciso ser cristão para salvar-se?

• Se não, para que servia o cristianismo? Que sentido têm as missões, os missionários, a evangelização missionária?

Exercícios recomendados

Estudar as origens da presença da religião atualmente majoritária no país em que vivemos, seja ela cristianismo, ou não. Como foi a chegada dessa religião a essa terra? Havia população autóctone de outra religião? Como foi a atitude (a "teologia das religiões") da religião que chegou à América? Como foi o encontro? Fazer um esforço para conhecer a história das relações entre as religiões que estiveram presentes em nossa terra.



Bibliografia

- DUSSEL, E. *Historia General de la Iglesia en América Latina. V/1, Introducción general*, Sígueme, Salamanca 1983, 723 pp. É o primeiro dos volumes que a CEHILA (Comisión de Estudio de la Historia de la Iglesia en Latinoamérica), publicou, durante vários decênios.
- LEON PORTILLA, Miguel. *El reverso de la conquista*, Mortiz, México, 1990.
- REZENDE, Valéria. *Historia de la Iglesia en Brasil, período colonial*, en la Biblioteca de los Servicios Koinonía (<http://servicioskoinonia.org/biblioteca>)
- PREZIA, B. - HOORNAERT, E. *Esta terra tinha dono*, FTD, São Paulo, 1989.
- PREZIA, B. - HOORNAERT, E. *Brasil indígena, 500 anos de resistência*, FTD, São Paulo, 2000.
- CASALDALIGA, P. *Los indios crucificados. Un caso anónimo de martiro colectivo*, in "Concilium" 183 (março/1983) 383-389.
- VIGIL, José María. *Valor salvífico de las religiones no cristianas*, <http://servicioskoinonia.org/relat/027.htm>. "Diakonia" 61 (março/1992) 23-40. Managua. "Estudios Ecueménicos" 33 (janeiro/1993) 23-29, México.
- VIGIL, José María. *La misión profética de la vida religiosa ante el neoliberalismo*, RELaT n° 48, <http://servicioskoinonia.org/relat/048.htm>

Texto integral: <http://servicioskoinonia.org> e clique: Cursos de Teologia Popular - Teologia do Pluralismo Religioso (em espanhol).

José María Vigil é missionário claretiano no Panamá, coordenador da Agenda Latino-americana Mundial.

Dignidade na comunicação

Francisco Gomes de Matos

Dentre os conceitos-chave inspiradores da Declaração Universal de Direitos Humanos, 1948, destaca-se dignidade.

Segundo Kofi A. Annan, Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas, a referida declaração é baseada na dignidade e na igualdade de todos os membros da família humana (cf. prefácio ao inspirador volume: *Direitos Humanos. Conquistas e Desafios*, Brasília, Letraviva, 1999).

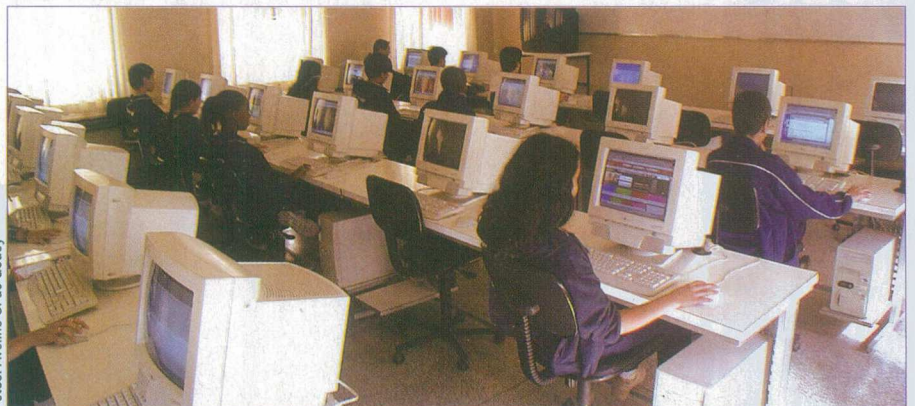
Se consultarmos a vasta e crescente literatura da educação para a paz, encontraremos referências ao papel primacial desempenhado pela dignidade. Um exemplo: no magistral volume *Education for a Culture of Peace* (Educação para uma Cultura da Paz), de autoria da renomada "patriota da paz", Betty Reardon (Paris: Unesco, 2001), caracteriza-se dignidade humana como "a fonte de todos os conceitos e padrões e direitos humanos. Refere-se ao valor igual de todas as pessoas, que deve ser respeitado, universalmente, bem como concerne à responsabilidade que todos nós temos de respeitar o valor

do próximo e de agirmos de maneira a merecer o respeito das pessoas com quem (con)vivemos. Em suma, a dignidade se manifesta através de respeito e responsabilidade recíprocas (p. 35-36).

Dada a importância da dignidade na (co)existência humana, poderemos perguntar: e a dignidade na área da linguagem/comunicação e em nosso dia-a-dia comunicativo?

Uma consulta a dicionários de língua portuguesa nos ajudaria a conhecer os membros da família de palavras a que pertence dignidade: digno(a), dignar-se, dignificar, dignificante. Para os católicos, chamará a atenção, a frase exemplificativa de dignificar, no *Dicionário Didático de Português*, de Maria Tereza Camargo Biderman, São Paulo: Ática, 1998: "Os santos dignificam a espécie humana" (p. 318).

Aos que se interessam pela linguagem bíblica — particularmente as características estilísticas das diferentes edições — lembraria que, dentre os princípios norteadores da tradução bíblica, sobressai o da dignidade da linguagem. Assim, no prefácio à edição



Fotos: Avelino S. de Godoy

revista da *The International Student Bible for Catholics* (Bíblia Internacional para Estudantes Católicos) – publicada por Thomas Nelson, Nashville, Estados Unidos da América, 1999, justifica-se o uso de uma linguagem atual: "optou-se por uma linguagem que seja compreensível às pessoas em geral, mas que, ao mesmo tempo, seja re-

Ave Maria, 2002. Como a dignidade é um dos atributos esperados de quem atua na área da comunicação, recomendo o volume *História do Pensamento Comunicacional*, do Prof. José Marques de Melo, publicado este ano, pela Paulus, SP. Esse livro reflete a maneira digníssima como um notável pioneiro dos estudos comuni-



conhecida como dignificada" (p. 1.053). Essa referência à linguagem dignificada pode ser encontrada, também, no prefácio à Nova Versão Internacional da Bíblia (São Paulo: Editora Vida, 2000). Nessa edição, lê-se: "O nível de linguagem prima, ao mesmo tempo, pela dignidade e pela compreensão" (p. VIII).

Mas, voltando à segunda parte da pergunta inicial: e nossa dignidade comunicacional como está? Estaremos sabendo cumprir o mandamento do Amor ao Próximo (comunicativo), tratando e retratando essa pessoa dignamente? Estaremos sabendo aplicar o princípio: "Desenvolvamos um diálogo dignificante"? Até que ponto recorremos a um vocabulário dignificador? Ao conversarmos, priorizamos um Português respeitoso, atencioso, cordial, cor-tês, acima de tudo humanizador?

Sobre essa dimensão, ainda muito pouco trabalhada nas escolas, veja-se meu livro *Comunicar para o Bem. Rumo à Paz Comunicativa*. São Paulo,

cacionais brasileiros trata e retrata o desenvolvimento dessa área, aqui e internacionalmente.

Que este artigo seja um lembrete de que precisamos ser comunicativamente dignos, falando, escrevendo, usando língua de sinais (caso de pessoas surdas).

Em nossas orações/meditações, peçamos a Deus que nos ilumine, para que façamos da língua portuguesa (e de outros idiomas que saibamos) um instrumento para a dignidade, a justiça e a paz.

Significativamente, as Nações Unidas farão realizar, de 8 a 10 de setembro deste ano, em sua sede, New York, um evento que congregará representantes de muitas organizações não-governamentais para discutirem a problemática: "Segurança e Dignidade Humanas: Cumprindo a promessa das Nações Unidas".



Francisco Gomes de Matos é professor no Departamento de Letras, CAC, UFPE e membro da Comissão de Direitos Humanos Dom Hélder Câmara. E-mail: fcgm@hotmail.com.br

"Vem e Segue-me"

JOVEM!

Seja uma continuadora da Missão Evangelizadora de Cristo, doando-se aos pequeninos nas mais diversas situações: EDUCAÇÃO (Colégios, Orfanatos e Creches), PASTORAL E SAÚDE

Venha fazer parte de nossa família Amparo

IRMÃS FRANCISCANAS DE NOSSA SENHORA DO AMPARO



INFORMAÇÕES

**Rua: Alfredo Pachá, 76
CEP 25685-210 – Petrópolis, RJ
Tel.: (24) 2242.0301
e-mail
congamparo@compuland.com.br**

**100 Anos
sendo Amparo no jeito
de ser Maria**

Mártires claretianos de Barbastro - (1936)

13
agosto

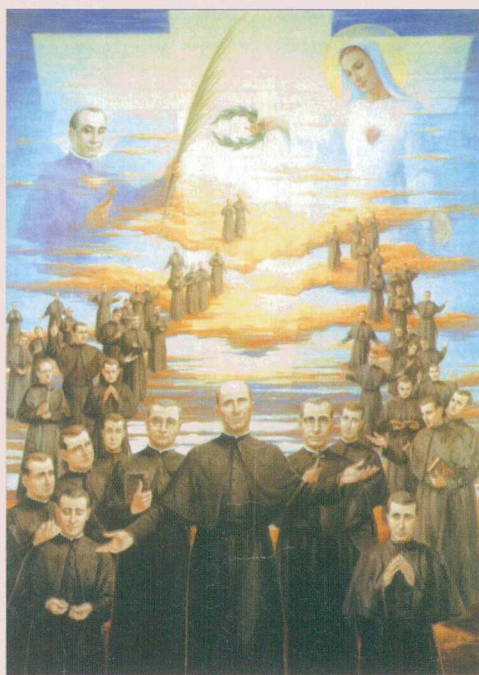
**Pe. Felipe de Jesus Munárriz e 50 companheiros,
Cordis Mariae filius (filhos do Coração de Maria).**

O martírio dos 51 missionários claretianos, de Barbastro, ocorreu durante o mês de agosto de 1936, no início da deplorável guerra civil espanhola. Dez eram sacerdotes, cinco irmãos leigos e 36 seminaristas: todos ofereceram a própria vida em defesa da fé, pela orientação cristã do mundo operário, pelo reinado definitivo da Igreja Católica e pela querida Congregação, exclamando na hora do fuzilamento: "Viva Cristo Rei!". Herdeiros do espírito apostólico de Santo Antônio Maria Claret, estiveram sempre atentos aos desafios missionários do seu tempo, mostrando-se sensíveis aos mais desfavorecidos e, alguns, preparavam-se para iniciar o seu ministério. Os restos mortais desses heróis da fé são venerados na Igreja do Coração de Maria, em Barbastro, Espanha.

Por ocasião de sua beatificação, o papa João Paulo II, assim falou deles em sua homilia:

"Estou pronto para o sacrifício, e o tempo da minha partida já se aproxima (2 Tim 4,6). Estas palavras de São Paulo, que acabamos de escutar, parecem inspirar as mensagens deixadas pelos mártires Felipe de Jesus Munárriz e 50 companheiros, missionários filhos do Coração Imaculado de Maria. Todos eles, também do nosso tempo, pertenciam à Comunidade-Seminário da cidade aragonesa de Barbastro. É todo um Seminário que

enfrenta com generosidade e coragem, a sua oferenda de sacrifício ao Senhor. A integridade espiritual e moral desses jovens chegou-nos através de testemunhas oculares e também pelos seus escritos. A este respeito são bastante eloquentes os testemunhos pessoais, que os jovens seminaristas nos transmitiram. Um



deles, ao escrever à sua família, diz: "Ao receber estas linhas, cantem ao Senhor pelo dom tão grande e notável, como é o martírio que o Senhor se digna conceder-me". Outro escrevia também: "Viva o Coração Imaculado de Maria! Fuzilam-nos unicamente por sermos religiosos". E

acrescenta na sua língua materna: "No ploreu per mi. Soc mártir de Jesucrist" (Não chorem por mim. Sou mártir de Jesus Cristo). Estes mártires expressavam a sua firme adesão a dedicarem-se ao ministério sacerdotal, nos seguintes termos: "Já que não podemos exercer o sagrado ministério na terra, trabalhando pela conversão dos pecadores, faremos como Santa Teresinha: passaremos o nosso céu fazendo o bem na terra". Todos os testemunhos recebidos nos permitem afirmar que estes claretianos morreram por ser discípulos de Cristo, por não quererem renegar a própria fé e os seus votos religiosos. Por isso, com o seu sangue derramado, animam-nos a todos a viver e morrer pela palavra de Deus, que fomos chamados a anunciar. Os mártires de Barbastro, seguindo o seu fundador Santo Antônio Maria Claret, que também sofreu um atentado na sua vida, sentiam o mesmo desejo de derramar o sangue por amor de Jesus e de Maria, expresso com esta exclamação, muitas vezes cantada: "Por ti, minha Rainha, dar o sangue". O mesmo santo havia traçado um programa de vida para os seus religiosos: "Um filho do Coração Imaculado de Maria é um homem ardente de caridade e que abrsa por onde passa; que deseja eficazmente e procura, por todos os meios, fazer arder o mundo inteiro com o fogo do divino amor" (Biografia de Claret, cap. 34).

Senhora dos Emigrantes

Roque V. Beraldi

3
agosto

A palavra "emigrar" provém do verbo latino "emigrare" que significa mudar-se, sair de, desalojar-se, mudar de residência. O mais comum é deixar um país para estabelecer-se em outro permanentemente ou não. Os motivos que levam as pessoas a emigrar podem ser sociais, econômicos, políticos e o faz por sua própria iniciativa ou obrigado pelas circunstâncias. Sobretudo, emigra-se para encontrar condições mais favoráveis de vida. É um direito que assiste aos menos favorecidos pela natureza. Obrigar a alguém a migrar, porém, é uma injustiça.

Seja qual for a causa, os emigrantes lembram os primeiros que deram o exemplo: Abrão. Ele saiu de Ur e foi para Harã, (Gênesis 11, 29). "O Senhor disse a Abrão: Deixa tua terra, tua família e a casa de teu pai, e dirija-se à terra que eu te mostrar..." (Gn. 12,1-5). Ainda: Rebeca disse ao seu filho Jacó: "Escuta-me, pois, meu filho: vai, foge para junto de Labão, meu irmão em Harã; fica em casa dele algum tempo, até que se acalme a cólera do teu irmão". (Gn, 27,43-44).

A fila de emigrantes, através dos séculos é interminável. Levam consigo o que podem tanto material como



Nossa Senhora de Fátima

cultural. Está enraizada nos seus corações, sobretudo, serve como recordação benfazeja e conforto que amainam os corações daqueles que vivem longe da pátria. As levas de homens, mulheres e crianças que procuram melhoria de vida em outros países, sobressaem pela devoção a Nossa Senhora. Por motivo de os estarem acompanhando na caminhada, foi enriquecido com mais um sugestivo título, Nossa Senhora dos Emigrantes.

Uma vez estabelecidos, nos países que os acolhem, continuam demonstran-

do a filial confiança em Maria, sob diferentes invocações: Nossa Senhora de Caravágio, Aquirópita, para os italianos, Nossa Senhora do Monte Serrat para um grupo de catalães, Nossa Senhora do Pilar para espanhóis, Nossa Senhora de Lourdes para franceses, Nossa Senhora de Fátima para os portugueses e muitos outros. O que fica muito evidente é esta visão em serem devotos de Maria, para alívio das suas mágoas, vivendo longe de sua terra natal, mas sob a proteção de Nossa Senhora.

Oração

Deus que ordenastes a Abrão sair da casa dos seus pais, para residir na terra que lhe mostrastes, e a José salvar a vida do menino Jesus fugindo para o Egito, (Mt. 2,14) amparai-nos em nossa peregrinação neste mundo para que cheguemos um dia à Pátria celeste, onde cantaremos sem cessar vossas glórias com Maria a Senhora dos peregrinos.
Amém.

NA PAZ DO SENHOR

Em Boa Esperança, MG, **Carolina Resende Araújo**, aos 30 de agosto de 2002 com 83 anos de idade.

Em Lavras, MG, **Marta Mesquita** aos 16 de maio de 2003.

Em Santos, SP, **José Claus**, aos 23 de maio de 2003 com 87 anos de idade.

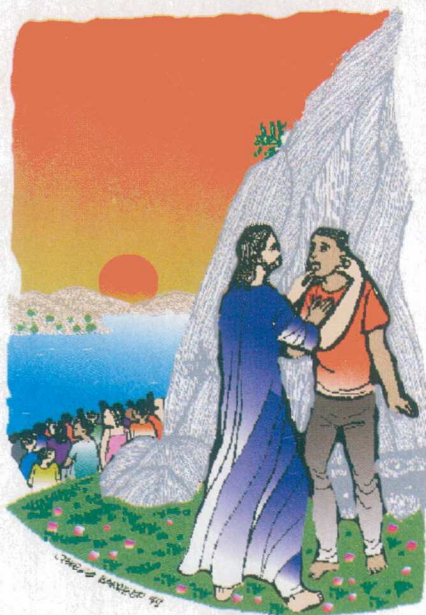
Em Itapetininga, SP, **Maria M. Mariano**, aos 5 de junho de 2003.



Em Pitangui, MG, **Pe. Guerino Valentino Pontello**, Ordenado sacerdote aos 6. 8. 1939 em Belo Horizonte, MG. Faleceu aos 14 de março de 2003 com 87 anos de idade. Eterna gratidão do povo Pitanguense.

ASSINANTE EM FESTA

Em Itajubá, MG, comemoraram suas Bodas de Ouro de matrimônio, **Benedito Vital Ribeiro** e **Eunice Marotti Ribeiro**, aos 18 de junho de 2003.



Abre-te!

23.º domingo do Tempo Comum

7 de setembro

INTRODUÇÃO

Quanto é difícil acolher os fracassados, os marginalizados... Todos eles, no entanto, deveriam merecer maiores delicadezas, provando que nossos critérios de julgamento são diferentes dos que não têm fé.

LEITURAS LITÚRGICAS

1.ª leitura Is 35,4-7a

Isaías dirige-se aos israelitas que estavam em situação muito difícil. Exilados, longe do Templo, achavam-se abatidos e desanimados. As casas tinham sido arrasadas, as lavouras incendiadas e vários de seus parentes assassinados pelos invasores.

A expectativa era a de que o profeta diminuísse os males e lhes promettesse tempos melhores: a reconstrução de suas moradias, a volta ao Templo, comida e a devolução dos bens. No entanto, as palavras do homem de Deus parecem desconhecer tais necessidades. Pede-lhes fé. Isso iria resolver seu problema? Sim.

A fé, realmente vivida, torna-nos

atentos à palavra de Deus e nos faz proclamá-la. A falta de fé, ao contrário, deixa-nos cegos e surdos para as maravilhas de Deus. O resto dos bens materiais é consequência. Porque sem fé, de nada adiantam todos os bens do mundo. Aliás, a fé é condição para possuí-los com liberdade.

Não vos aflijais, nem digais: Que comeremos? Que beberemos? Com que nos vestiremos? São os pagãos que se preocupam com tudo isso. Ora, vosso Pai celeste sabe que necessitais de tudo isso. Buscai, em primeiro lugar, o reino de Deus e a sua justiça e todas aquelas coisas vos serão dadas em acréscimo — pregava Jesus (Mt 6,31-33).

Ora, buscar o reino de Deus é acreditar em Jesus e aceitá-lo em nossas vidas como Filho de Deus, o Cristo ressuscitado.

2.ª leitura Tg 2,1-5

Essa fé em nosso Senhor Jesus Cristo glorificado não deve admitir acepção de pessoas, escreve Tiago.

Faz lembrar as palavras de Paulo: Mesmo que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, não sou nada (1Cor 13,2).

Certamente, dentro de nossas igrejas não acontecem discriminações. Pudera, como as faríamos com pessoas conhecidas, lá presentes para rezar, como nós? Mas se não nos esforçarmos para externar também em público a fraternidade que celebramos dentro da igreja, em nossos rituais, às vezes tão solenes, corremos o risco de hipocrisia.

Fora da Igreja, continuamos fazendo distinções, mostrando nossa preferência pelos ricos, pelas pessoas mais bonitas, mas simpáticas, mas inteligentes, mais bem-sucedidas... exatamente como fazem os que não têm fé.

O que nos adianta sair da missa, todos felizes, e, chegar em casa, brigando com filhos, empregados e com

aqueles que ousarem perturbar "nossas" ordens?!

Se desejarmos ser verdadeiros discípulos de Cristo, devemos provar que temos critérios de julgamento das pessoas, bem diferentes dos adotados pelos pagãos.

Evangelho Mc 7,31-37

Ao meditarmos o evangelho de hoje, devemos pedir, antes, ao Pai das Luzes, muita humildade. Porque o surdo-mudo somos nós.

Cheios de amor-próprio, às vezes, não nos relacionamos com outros homens, desprezando-os intimamente, e nos fechamos em nós mesmos, na persuasão de já possuir toda a verdade e de já não termos mais nada a aprender.

Comportamo-nos como surdos quando tapamos nossos ouvidos aos convites que Cristo nos dirige, talvez através de um irmão da comunidade, para abandonar certos hábitos, para modificar certas atitudes erradas, para seguir os caminhos da lealdade, da bondade e da generosidade.

"Éfeta" quer dizer: "abre-te". Cristo dirige essa palavra não só aos nossos ouvidos, mas nos convida a nos abriremos completamente à nova vida.

No batismo, o sacerdote repetiu o gesto de Jesus e rezou sobre nós: "O Senhor Jesus que fez os surdos ouvirem e os mudos falarem te conceda a dádiva de escutar prontamente a sua Palavra e de professar a tua fé".

O cristão não é só aquele que pode escutar o evangelho, mas também aquele que anuncia essa mensagem com palavras e com a vida.

REFLEXÃO

Nossas ações indicam, de fato, que acreditamos em Cristo ressuscitado? Discriminamos as pessoas? Abrimos-nos à palavra de Deus? Deixamos-nos tocar por ela?





E A Cruz: referência de todas as escolhas

Exaltação da Santa Cruz

14 de setembro

INTRODUÇÃO

Seria conveniente que o uso da cruz nos fizesse voltar aos verdadeiros "crucificados" de hoje: os pobres, os doentes, os idosos, os explorados, as crianças excepcionais... A salvação virá a nós, por meio deles: *Tive fome... tive sede...* (Mt 25).

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Nm 21,4-9

O Livro da Sabedoria assim comenta o episódio da serpente de bronze, levantada por Moisés, no deserto: *E quem se voltava para ele era salvo, não em vista do objeto para o qual olhava, mas por vós, Senhor, que sois o salvador de todos* (Sb 16,7).

Olhar para a serpente e conservar a vida não era, portanto, ato mágico, mas consequência do ato de fé na onipotência de Deus. Era Javé quem salvava, não o objeto de bronze.

Aquela serpente de bronze levantada no poste era figura de Cristo pregado na cruz. O uso litúrgico que requer

a Cruz próxima do altar, quando se renova o santo sacrifício da missa, representa uma evocação daquela figura.

A Cruz não é, portanto, um amuleto que se leva ao pescoço para proteção contra doenças ou desventuras. Também pouco será apenas um monumento colocado no alto dos morros para atrair turistas. Mas, sim, o ponto de referência dos que têm fé e vêm, sintetizada nela, a proposta de vida, feita por Cristo ressuscitado.

Pela contemplação de Jesus, preso voluntariamente à cruz, brota como consequência nossa vontade de vencer o orgulho, a inveja, o ciúme, o ressentimento, a ira, a paixão, os instintos descontrolados. Unimos nossa vida à dele, para que se torne um dom de amor ao irmão.

2.ª leitura Fl 2,6-11

Para que nos decidamos por humildade, amor, concórdia, é necessário que alimentemos em nós os mesmos sentimentos que teve Jesus, o Cristo. O que fez ele? Não teve medo e, como verdadeiro Servo sofredor, viveu, até a morte, nossa experiência humana.

Por que Paulo escreveu isso? Porque havia quem aspirasse a funções, sem dúvida, para servir aos irmãos, mas, no fundo, para auto-afirmar-se, mostrar-se, para comandar e (o que era pior) para se impor aos outros.

Nada façais — diz Paulo — por espírito de partido ou vanglória, mas que a humildade vos ensine a considerar os outros, superiores a vós mesmos. Cada qual tenha em vista não os seus próprios interesses, e sim os dos outros (2,3-4).

Em seguida, vêm cinco versículos maravilhosos, um verdadeiro hino da história de Jesus, que constituem a segunda leitura de hoje.

A imagem perfeita de Deus nos é dada por Jesus na Cruz: pobre, não reteve nada para si, doou-nos tudo. Na

Cruz, temos a medida do amor que somos chamados a oferecer ao irmão.

Evangelho Jo 3,13-17

Jesus lembra a Nicodemos o episódio da serpente de bronze e o interpreta como símbolo do que estava para acontecer a ele: seria elevado na cruz e todos os que o contemplassem teriam salva a vida. Sem dúvida, um mistério para Nicodemos, só entendido por ele depois da Páscoa.

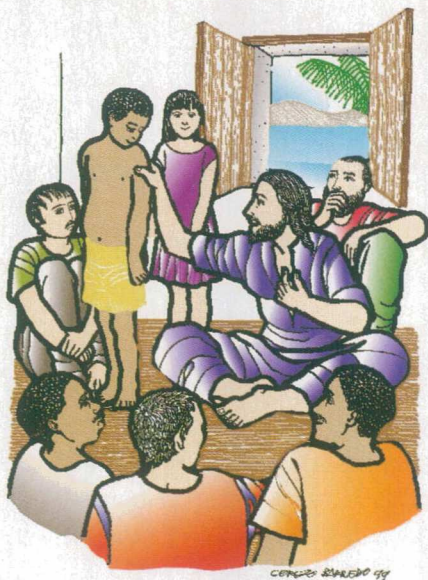
Diante do supremo gesto de Jesus que exclamava: *Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*, sem dúvida, não teremos mais coragem de ficar recordando as ofensas recebidas, nem cultivar rancor por uma simples falta de compreensão, um mal-entendido, uma palavra inoportuna escapada de um amigo em um momento de raiva...

Neste ponto, estamos em condições de compreender a segunda parte do evangelho de hoje: *Deus tanto amou o mundo que lhe deu seu Filho e ele não veio para julgar o mundo mas para salvá-lo*. Trata-se de uma afirmação consoladora, de um anúncio que nos enche de alegria e de esperança, bem diferentes de interpretações erradas de outras frases do evangelho nas quais Deus aparece como juiz severo.

É o crucificado que, derrubando as perspectivas e os valores dos homens, faz-nos julgar as derrotas uma vitória, o serviço um poder, a pobreza uma riqueza, a perda um ganho, a humilhação um triunfo, a morte um nascimento.

REFLEXÃO

A cruz é para nós sinal da onipotência divina? Estamos dispostos a ver, nos outros, Cristo que nos pede ajuda, serviço? Nós que, tantas vezes, fomos perdoados por Deus, somos também compreensíveis e misericordiosos com os irmãos que erram?



Autoridade é prestação de serviço

25.º domingo do Tempo Comum
21 de setembro

INTRODUÇÃO

Encarada e com os propósitos de que fala Cristo, a autoridade deve-se manifestar com aquilo que está no plano de Deus: serviço.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Sb 2,12.17-20

As palavras: *armemos ciladas contra o justo ... provemo-lo com ultrages e torturas ... condenemo-lo a uma morte infame* foram dirigidas, inicialmente contra os israelitas que viviam na cidade de Alexandria do Egito, mas todos nós percebemos que também correspondem a tudo o que aconteceu com Jesus. Ele foi perseguido por seus próprios irmãos de fé, não porque fosse mau, mas porque denunciava as injustiças e anunciava uma mensagem desafiadora que incomodava os detentores do poder.

No salmo 53, que é cantado após esta leitura, o justo assim reza a Deus: *Os soberbos se levantam contra mim*

e os violentos perseguem minha vida: eles não colocam Deus à sua frente... E, no versículo 7: Fazei recair o mal em meus adversários e, segundo vossa fidelidade, destruí-os (!)

Mas, no Novo Testamento, Jesus tem outro linguajar: *Não julgueis e não sereis julgados* (Mt 7,1). *Abençoai os que vos maldizem e orai pelos que vos injuriam* (Lc 6,27). E, finalmente, do alto da Cruz, deu o exemplo máximo, pedindo ao Pai que perdoasse seus algozes: *Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem* (Lc 23,34).

2.ª leitura Tg 3,16 — 4,1-3

Asabedoria que vem do alto é, antes de tudo, *pura, depois pacífica, indulgente, conciliadora, cheia de misericórdia e de bons frutos, isenta de parcialidade e de hipocrisia* (v.17).

Por que hipocrisia? Porque somos levados a nos julgar melhores que os outros. *Como ousas dizer a teu irmão: Deixa-me tirar a palha do teu olho, quando tens uma trave no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave de teu olho e assim verás para tirar a palha do olho do teu irmão* (Mt 7,4-5).

Somos apressados em nossos julgamentos e em formar juízos definitivos só por suspeita. Mateus era publicano e por isso, execrado por todos. No entanto, Jesus o chamou para apóstolo. Lutemos contra os erros mas não contra os que erram! Para estes, só amor, atenção, a exemplo do Mestre que não mediu sacrifícios para correr atrás de suas ovelhas perdidas.

Evangelho Mc 9,30-37

O trecho litúrgico de hoje nos apresenta os discípulos sozinhos com Jesus.

O Mestre ensina o caminho para compreender os irmãos e tornar-se disponível: o serviço, a humildade, o acolhimento aos pequenos, aos pobres.

Jesus teve de corrigir a idéia equi-

vocada que o povo formara a seu respeito e, por isso, várias vezes teve de repetir o anúncio da sua morte e ressurreição.

O evangelista registra que eles não entendiam aquelas palavras porque batiam de frente contra tudo o que os rabinos lhes ensinavam desde pequenos: um Messias poderoso, dominador, que os reintegraria em seu território, expulsando de lá os invasores, no caso os romanos. Como, então, conciliar isso com a notícia de sua morte?

Diante da firmeza com que Jesus falava e da dureza com que respondeu a Pedro que desejava demovê-lo da idéia de sua morte, eles temiam falar-lhe, porque, no fundo, também não aceitavam a doutrina de Jesus.

Não eram só eles que relutavam em aceitar as idéias de renúncia e serviço. Muitos de nós mais preferem recitar preces, assistir à missa do que parar a fim de meditar sobre algum trecho do evangelho quando exige mudanças de mentalidade e de atitudes.

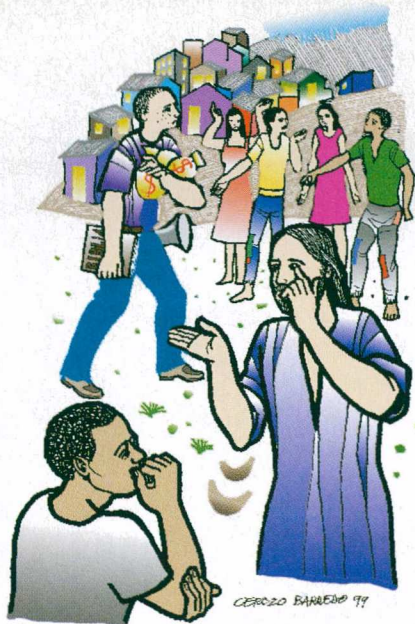
Diante da hipótese de sua morte, os discípulos já descambam para saber qual deles seria o maior. Jesus, porém, rejeitou, explicitamente aquela atitude: *Entre vós, não deve ser assim.*

Na comunidade cristã, quem ocupa o primeiro lugar deve abandonar qualquer sonho de grandeza. A comunidade não é o lugar apropriado para alcançar posições de prestígio, para manter domínio sobre os outros, para impor-se, mas para servir os irmãos.

REFLEXÃO

Caímos na tentação de achar que nós somos os bons e os outros, os maus? Como tratamos os que erram? Falamos-lhes, em particular, visando eliminar somente seu erro? Temos capacidade de "amar" os pobres, fazendo-os crescer para serem adultos na fé?





Espírito Santo sem fronteiras

26.º domingo do Tempo Comum
28 de setembro

INTRODUÇÃO

No dia da Bíblia, a palavra de Deus condena o fanatismo, a inveja em relação a outras religiões. O Espírito Santo age através de todas as pessoas. Não está limitado somente à nossa Igreja!

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Nm 11,25-29

Nenhuma instituição pode querer limitar a ação do Espírito Santo. Deus fala a quem ele quiser.

Isso não tinha sido entendido pelos israelitas que foram correndo denunciar a Moisés que duas pessoas, não pertencentes aos 70 homens escolhidos por ele, tinham também recebido o Espírito de Javé e falavam em nome do Senhor.

Indignados, foram acusá-los, certos de que Moisés os proibiria de profetizar. Mas, ao contrário, ele lhes disse: *Oxalá, todo o povo profetizasse e o Senhor infundisse a todos o seu Espírito!* Moisés repreendeu-os o fanatismo.

Também nós somos religiosos fanáticos, quando agredimos a quem não pensa como nós ou não faz parte de nossa Igreja; quando fechamos a cara diante das boas obras que os crentes fazem. Achamos que, como não são da Igreja Católica Apostólica Romana, devem ser hostilizados, como durante tanto tempo nos ensinaram.

O Concílio Vaticano II, desde 1964, ensinou que o Espírito Santo não pode ficar encerrado dentro das fronteiras de nenhuma Igreja. Deus é completamente livre para sair de todos os esquemas e fazer surgir o bem em qualquer parte. É como o vento: sopra onde quer e para onde quer. Onde houver o bem, o amor, a paz, a alegria, lá estará em ação o Espírito de Deus.

2.ª leitura Tg 5,1-6

Quem não aceita essa liberdade de Deus, não entende que ele também possa realizar o bem através dos homens de outras religiões, age como fanático.

É também fanatismo acumular riquezas, em vez de utilizá-las para atender às necessidades dos indigentes. Por isso, Tiago condena aqueles que não a dividem com os irmãos, aqueles que a usam só para si.

A severidade daquele Apóstolo pode ser mais bem compreendida se levarmos em conta que o excesso de riquezas é absolutamente incompatível com a opção cristã.

Os bens deste mundo pertencem a todos e não só a alguns, assim como o Espírito de Deus não é só de uma Igreja, pois conhecemos ateus generosos, muito sensíveis às injustiças cometidas contra os mais pobres.

Convém evitar os equívocos e ilusões; saber ouvir a voz de Deus, e aceitar com humildade os ensinamentos de todos, bons ou maus, crentes ou ateus, e não alimentar opinião demasiado boa e lisonjeira sobre nós mesmos.

Evangelho Mc 9,38-43.45.47-48

No tempo dos Apóstolos, também havia fanatismo, inveja, exclusão. No v. 18, Marcos registra que um homem contou a Jesus que os discípulos não tinham conseguido expulsar do filho um mau espírito. No v. 38, proposto no evangelho de hoje, um anônimo, usando o nome de Jesus, conseguiu excelentes resultados contra as forças malignas.

Os discípulos ficaram irritados e manifestaram a Jesus o próprio desapontamento: *encontramos um homem que realiza as mesmas obras que nós fazemos e até maiores que não é dos nossos, mas que não te segue, por isso nós o impedimos de continuar.*

O comportamento dos discípulos é ridículo, mesquinho, fanático. A todos os "fanáticos" que, por terem o nome de discípulos, julgam ser as únicas pessoas vivificadas pelo Espírito, Jesus diz: quem quer que trabalhe em benefício do ser humano, é dos nossos.

O Espírito não é propriedade exclusiva da estrutura da Igreja Católica Apostólica Romana, atua também fora dela!

Alguns de nós se admiram porque foram séculos acreditando-se que a salvação só existia na nossa Igreja.

O Concílio Vaticano II ajudou-nos a superar a arrogância de detentores de toda a verdade sobre Deus e a tornarmos menos intolerantes, aprendendo a reconhecer que também nas outras tradições religiosas o Verbo de Deus lança suas sementes.

REFLEXÃO

Acreditamos que o Espírito Santo não tem fronteiras? Somos daqueles que aumentam riquezas, sem partilhar os bens com os pobres?

Respeitamos as expressões de fé de outras Igrejas?

Em nossas casas, em nosso ambiente de trabalho, aceitamos as opiniões diferentes, com alegria?

Leituras semanais das missas de Setembro

22.^a semana do Tempo Comum

1.º - segunda: 1Ts 4,13-18 = Encontro com o Senhor, na ressurreição. Sl 95. Lc 4,16-30 = Jesus rejeitado em Nazaré.

2 - terça: 1Ts 5,1-6.9-11 = O Dia do Senhor virá como um ladrão. Sl 26. Lc 4,31-37 = Cura de um possesso, em Cafarnaum.

3 - quarta: Cl 1,1-8 = Soubemos da vossa fé, vossa caridade, vossa esperança. Sl 51. Lc 4,38-44 = Cura da sogra de Pedro; milagres ao pôr-do-sol.

4 - quinta: Cl 1,9-14 = Súplica: agradai ao Senhor, frutificai, crescei, agradecidos. Sl 97. Lc 5,1-11 = Pesca milagrosa; primeiros discípulos.

5 - sexta: Cl 1,15-20 = Eminência de Cristo, imagem de Deus, primogênito. Sl 99. Lc 5,33-39 = Jejum na ausência do Esposo; remendo novo, recipiente novo.

6 - sábado: Cl 1,21-23 = Deus vos reconciliou: sede firmes na fé e na esperança. Sl 53. Lc 6,1-5 = Espigas colhidas no sábado: Jesus, Senhor do sábado.



23.^a semana do Tempo Comum

8 - segunda: Natividade de Nossa Senhora. Mq 4,1-4a = Ao tempo estabelecido, a parturiente dará à luz. Sl 12. Mt 1,1-16.18-23 = O que nela foi gerado vem do Espírito Santo.

9 - terça: Cl 2,6-15 = Em Cristo sepultados, ressuscitados, perdoados, tendes tudo. Sl 144,1-2.8-9.10-11. Lc 6,12-19 = Escolha dos Doze; curas numerosas.

10 - quarta: Cl 3,1-11 = Vida nova em Cristo: se ressuscitastes com Cristo... Sl 144,2-3.10-11.12-13ab. Lc 6,20-26 = Bem-aventuranças e imprecações.

11 - quinta: Cl 3,12-17 = Retrato de um verdadeiro cristão. Sl 150. Lc 6,27-38 = Amor aos inimigos.

12 - sexta: 1Tm 1,1-2.12-14 = Paulo, objeto das atenções de Deus. Sl 15. Lc 6,39-42 = Atitude do discípulo: guia cego, cisco e trave no olho.

13 - sábado: 1Tm 1,15-17 = Jesus Cristo veio para salvar os pecadores. Sl 112. Lc 6,43-49 = Árvore de frutos bons e árvore de frutos ruins.



24.^a semana do Tempo Comum

15 - segunda: Nossa Senhora das Dores. Hb 5,7-9 = Cristo aprendeu a obediência e tornou-se princípio de salvação eterna. Sl 30. Jo 19,25-27 = Mulher, eis o teu filho!

16 - terça: 1Tm 3,1-13 = Funções eclesásticas: bispos, diáconos. Sl 100. Lc 7,11-17 = Ressurreição do filho da viúva de Naim.

17 - quarta: 1Tm 3,14-16 = Fé cristã, mistério da bondade divina. Sl 110. Lc 7,31-35 = Faça assim, ou não faça, o cristão sempre será criticado!

18 - quinta: 1Tm 4,12-16 = Conselho ao bispo Timóteo. Sl 110. Lc 7,36-50 = Perdoada a pecadora que ungiu os pés de Jesus.

19 - sexta: 1Tm 6,2c-12 = Piedade desinteressada. Sl 48. Lc 8,1-3 = Piedosas mulheres acompanham Jesus.

20 - sábado: 1Tm 6,13-16 = Guarda o mandamento até a aparição de Jesus Cristo. Sl 99. Lc 8,4-15 = Parábola do semeador.



25.^a semana do Tempo Comum

22 - segunda: Es 1,1-16 = Ciro, rei da Pérsia autoriza o regresso dos cativos. Sl 125. Lc 8,16-18 = Lâmpada à vista.

23 - terça: Es 6,7-8.12b.14-20 = Reconstrução e consagração do templo. Sl 121. Lc 8,19-21 = Mãe e "irmãos" de Jesus.

24 - quarta: Es 9,5-9 = Esdras proclama a misericórdia de Deus. Cânt.: Tb 13,2-8. Lc 9,1-6 = Missão dos doze apóstolos.

25 - quinta: Ag 1,1-8 = Primeiro oráculo: é necessário reconstruir a casa de Deus. Sl 149. Lc 9,7-9 = Opinião de Herodes sobre Jesus.

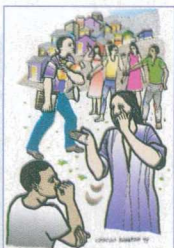
26 - sexta: Ag 1,15b — 2,9 = Segundo oráculo: Deus promete vir ao novo templo. Sl 42. Lc 9,18-22 = Pedro declara sua fé em Jesus; primeiro anúncio da Paixão.

27 - sábado: Zc 2,5-9.14-15a = Deus dispersará os inimigos e habitará com os seus. Cânt.: Jr 31,10-13. Lc 9,43b-45 = Segundo anúncio da Paixão.



26.^a semana do Tempo Comum

29 - segunda: S. Miguel, S. Gabriel e S. Rafael Arcanjos. Dn 7,9-10.13-14 = Mil milhares o serviam. Sl 137. Jo 1,47-51 = Vereis



os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem.

30 - terça: Zc 8,20-23 = Peregrinos estrangeiros afluirão a Jerusalém. Sl 86. Lc 9,51-56 = Jesus repellido por parte dos samaritanos por ele dar mostras de que pretendia ir para Jerusalém.

Falando consigo mesmo através do outro

Wimer Bottura Jr.

(Continuação.)

Os médicos muitas vezes, por desconhecimento, desinteresse ou preconceito, simplesmente se limitam a medicar, sem penetrar nas questões mais profundas que, na realidade, estão determinando a problemática. Muitos médicos não sugerem que a pessoa busque solucionar aqueles que são os verdadeiros problemas e tornam-se coniventes com a doença. Mais ainda, prescrevem medicamentos, dietas e práticas até úteis e eficazes temporariamente, mas que poderão, ao longo do tempo, trazer mais danos ao paciente.

gem em sua essência, não tomam contato consigo mesmas e com o outro, apenas vivem um arremedo de vida. Apesar de terem todas as possibilidades para a vida de verdade, não a reconhecem, e culminarão então no agravamento de uma ou outra doença. No caso de Henrique, a doença não é apenas a hipertensão, mas todas as complicações a que esta família está sujeita.

mais grave um problema é exatamente fazê-lo parecer normal, acobertando-o com comportamentos de simpatia ou proteção ao problema. Evidentemente precisamos de proteção e simpatia, até mesmo de um relativo acobertamento para as nossas dificuldades, para que possamos com o tempo arregimentar energia e confiança para uma solução. No entanto, devemos diferenciar nossos problemas e encará-los de frente.

Comportamentos repetitivos e compulsórios, que visam a amenizar qualquer debate ou evitam a possibilidade de escancarar um conflito, poderão estar estimulando, a longo prazo, a manutenção velada deste conflito, através de agressões silenciosas. Na verdade, quem coloca panos quentes nas relações está falando consigo mesmo através do outro, pois teme a si próprio e a perda do controle de sua situação. O oposto de se colocar panos quentes não é se colocar água fria



Ilustração: arquivo

Foi assim no caso de Henrique, que passou a fazer uso de anti-hipertensivos, eficazes no começo para a redução da pressão, mas que, não tendo sido solucionada a questão de base, funcionaram mais tarde como retroalimentadores do problema. Ao mesmo tempo que equilibravam a pressão do paciente, causavam-lhe a sensação de que seu problema estava resolvido, o que não era verdade. Enquanto se olhava para a hipertensão, achando que ela era o problema, não se olhava para o que necessitava ser descoberto: passou-se então a utilizar a doença e o tratamento como desculpa para não resolver o problema de base.

Na verdade, desta forma, entramos numa espécie de carnaval, cheio de fantasias e disfarces, em que as pessoas não se aprofundam no vínculo, não intera-

Pessoas que dialogam consigo mesmas através do outro estão sempre tentando acobertar dentro de si um problema. Por isso, procuram estabelecer relações com indivíduos aparentemente compreensivos, que padecem do mesmo mal e irão reforçar o conflito interno. Uma das maneiras de tornar

na fervura, ou mais lenha na fogueira, como alguns possam pensar, e sim buscar o esclarecimento. Somos mais prejudicados pelos mal-entendidos do que pelas más intenções, embora elas realmente existam.

Wimer Bottura Jr. é médico psiquiatra, psicoterapeuta e autor do livro *Agressões silenciosas*, Ed. O.L.M., SP.

Entrada — Musse de gorgonzola

Ingredientes:

- 200 g de queijo gorgonzola
- 1 lata de creme de leite
- 1 colher/sopa de mostarda
- Pimenta-do-reino a gosto
- Gotas de limão
- 1 envelope de gelatina sem sabor

O queijo gorgonzola pode ser substituído por sardinha ou atum.

Modo de preparar:

1. Dissolva a gelatina em $\frac{1}{2}$ xícara de chá de água fervente e junte os demais ingredientes.
2. Bata no liquidificador. Coloque em uma fôrma previamente molhada e leve à geladeira durante 3 horas.
3. Enfeite a gosto. Sirva como entrada, com canapés ou em fatias.



Prato principal

* Bacalhau gratinado

Ingredientes:

- 1 cebola ralada
- 1 dente de alho
- $\frac{1}{2}$ xícara/chá de azeite de oliveira
- 2 xícaras/chá de bacalhau cozido e desfiado
- 4 batatas cozidas e passadas pelo espremador
- Salsa picada a gosto,
- Manteiga
- 1 lata de creme de leite



Modo de preparar:

1. Refogue a cebola e o alho no azeite, junte o bacalhau, a batata, a salsa e, por último, o creme de leite.
2. Misture bem e coloque em fôrma refratária untada.
3. Espalhe por cima pedaços de manteiga e leve ao forno, por 10 minutos, para gratinar.
4. Sirva com arroz branco.

Sobremesa — Pudim de pão

Ingredientes:

- $\frac{1}{2}$ litro de leite
- $1\frac{1}{2}$ xícara/chá de miolo de pão embebido no leite e espremido
- 4 ovos
- $1\frac{1}{2}$ xícara/chá de açúcar
- 1 cálice de rum
- 1 colher de sobremesa de margarina
- Um punhado de uvas passas sem sementes
- 1 pitada de noz-moscada ralada.

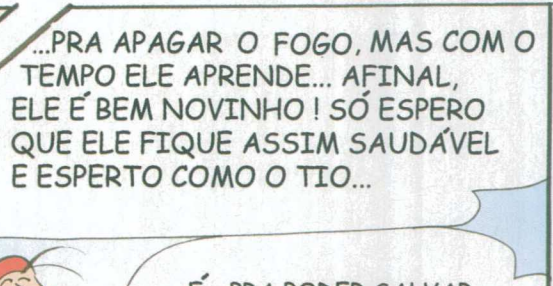
Modo de preparar:

1. Deixe o pão de molho no leite e depois de espremido meça a quantidade de $1\frac{1}{2}$ xícara/chá.
2. Bata levemente os ovos e ponha os ingredientes no liquidificador, menos as passas.
3. Junte as passas e despeje numa fôrma untada com calda queimada.
4. Asse em banho-maria.



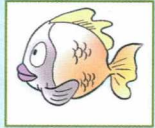
* O bacalhau salgado e seco não deve ser congelado (só depois de dessalgado), nem mantido em temperaturas altas, que lhe conferem uma cor avermelhada e alteram o seu sabor original.



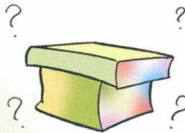


FIGURINHAS

- FAÇA UM "X" NOS MEIOS DE TRANSPORTE AQUÁTICOS.
- MARQUE COM UM CÍRCULO OS ANIMAIS AQUÁTICOS.
- MARQUE COM UM QUADRADO OS MEIOS DE TRANSPORTES TERRESTRES.
- FAÇA UM "V" NOS ANIMAIS COM PÊLOS!



O QUE HÁ NA CAIXA?



C A N E C A C R P
 A C L U A R A U A
 U H A B L U N B P
 R I E U R N E S E
 S N R H S A T E L
 A E D I A R I O D
 U L A E U T N A E
 T O R H R D H U C
 A S U B A O A N A
 M A D I A H R L R
 P O B U R S O U T
 I A R T H N A R A
 N U S E U T E H U
 H S A N B O L A S
 A T R E H A M Q R

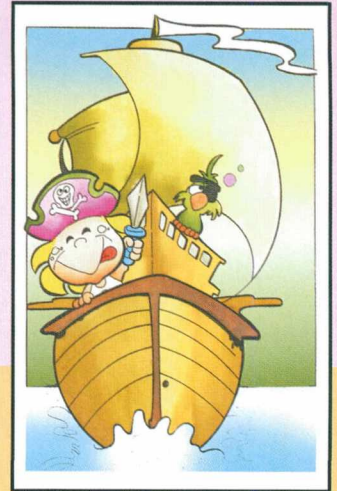
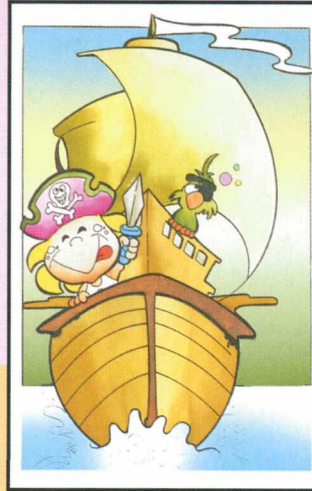
ENCONTRE AS
 PALAVRAS NO
 QUADRO E
 ESCREVA AQUI



RESP: CHINELÔ DIÁRIO URSO, CANETA, PAPI, TAMBINHA, BOLA, CARTA, DE CANECA, PAPI, TAMBINHA.

ENVIE PARA:
 TURMA DA MAÍRA - RUA SANTO ESTÊVÃO, Nº 300
 CASA 11 - ALDEIA DE BARUERI
 BARUERI - SP
 CEP 06440 - 190

SETE ERROS



Mundo Feliz



O que seria um mundo feliz para você? Observe bem esta cena e imagine uma poesia ou pequena redação sobre ela. Deixe seu coração falar e mande para a turminha. Os três melhores trabalhos serão publicados! Envie juntamente com seu nome completo, uma foto e o nome da escola em que você estuda.

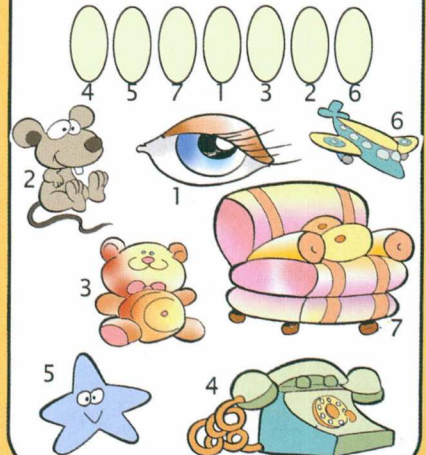
Envie sua obra até 30 de setembro de 2003.

Boa sorte e muita inspiração!

A turminha!

O QUE É O QUE É ?

TEM PERNAS MAS NÃO ANDA; CORTA MAS NÃO É FACA? COLOQUE A PRIMEIRA LETRA DE CADA FIGURA NOS LUGARES INDICADOS E DESCUBRA!



E ATENÇÃO! ACABA DE SER APROVADA A LEI EM QUE TODAS AS IRMÃS GAGULAS SERÃO OBRIGADAS A PARTIR PARA UMA EXPEDIÇÃO DEFINITIVA PARA A LUA!



DUZENTAS IRMÃS JÁ COMEÇARAM A PARTIR NO FOGUETE ESPACIAL KB-100... ELAS SE DESPEDEM DOS SEUS IRMÃOS NA PLATAFORMA EM CLIMA DE TRISTEZA...



SABIA QUE ERA SONHO...



Para você, Assinante!

Em tempos de guerra, a PAZ a partir do diálogo entre as religiões!

O livro “LATINO-AMERICANA-MUNDIAL 2003” (agenda)

(O tema desse livro: A paz entre as religiões, para a paz do mundo. São páginas escritas por mais de 40 autores mundialmente conhecidos que apontam caminhos para esse diálogo. Mais de 100 mil exemplares vendidos no mundo em 7 línguas.)

Basta renovar SUA ASSINATURA, por mais um ano, e conseguir apenas UMA ASSINATURA NOVA.

- Veja como é fácil:
- Junte o valor da RENOVAÇÃO de sua assinatura por mais 1 (um) ano (R\$ 25,00) ao valor da ASSINATURA NOVA de um amigo ou parente seu (R\$ 25,00).
- Mande o total: R\$ 50,00, com os cupons abaixo, devidamente preenchidos, para:

**Revista Ave Maria – Agenda LA 2003
Rua Martim Francisco, 636 – 5º andar
CEP 01226-000 São Paulo, SP**

Faça o cheque nominal à “Ação Social Claretiana”

- Outras formas de pagamento ou mais informações:
Ligue grátis 0800-555-021

A Para renovar minha assinatura. Meu código de assinante:

Nome completo:.....

Endereço:

.....Cidade: Est:

CEP: _____ Telefone: (.....)

Assinatura Data...../...../.....

B A nova assinatura da Revista Ave Maria é para:

Nome completo:.....

Endereço:

.....Cidade: Est:

CEP: _____ Telefone: (.....)

AVÉ
MÁRIA
REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
TELS. (11) 3666-2128 / 3823-1060
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

Impresso Especial
5406/2001 DR/SPM
AVE MARIA
CORREIOS